

Ciência, religião e livros na Europa de Quinhentos: a controvérsia da sangria entre Pierre Brissot e Dionísio Brudo *

António Manuel Lopes Andrade

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas
Universidade de Aveiro

Evangelho – Deos te salve, caminhante.
Talmud – E a ty encaminhe per este caminho que levo.
Evangelho – Tal pode elle ser que o nam seguirey eu: pera onde
caminhas tu?
Talmud – Pera Veneza, e dhy pera Turquia.
Evangelho – Pera Turquia? De que naçam es?
Talmud – Hebreu, povo escolhido de Deos.

Joã O DE BARROS, *Diálogo Evangélico sobre os Artigos da Fé,
contra o Talmud dos Judens*

Este estudo pretende oferecer uma análise circunstanciada sobre uma das mais célebres e participadas discussões nos meios

* Na elaboração deste artigo pudemos contar com a preciosa colaboração de António Guimarães Pinto, professor da Universidade Federal do Amazonas (Manaus, Brasil), autor da edição e tradução dos textos seleccionados dos livros de Pierre Brissot e de Dionísio apresentados em apêndice. Tivemos em consideração os comentários e sugestões de Herman Prins Salomon e Hugo Miguel Crespo, a quem manifestamos o nosso reconhecimento. Merece-nos, igualmente, uma palavra de agradecimento a *Chaire sur la culture portugaise* da Université de Montréal, dirigida pelo Prof. Luís de Moura Sobral, pelas excelentes condições de investigação que nos proporcionou durante a redacção deste estudo.

Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” (<http://amatolusitano.web.ua.pt>) do Centro de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Projecto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

científicos europeus dos séculos XVI e XVII, cujo epicentro teve lugar na cidade de Évora, nas primeiras décadas de Quinhentos, no período compreendido entre 1518 e 1522. Trata-se da chamada polémica da sangria¹, cujos protagonistas foram dois médicos célebres, Pierre Brissot e Dionísio Rodrigues (*alias* Asher Brudo).²

¹ Para uma análise pormenorizada da sustentação teórica que subjaz à polémica da sangria, cf. Peter BRAIN, *Galen on Bloodletting: A Study of the Origins, Development, and Validity of his Opinions, with a Translation of the Three Works*. Cambridge, Cambridge University Press, 1986; Marie-Hélène MARGANNE, “Sur l’origine hippocratique des concepts de revulsion et de derivation”: *Antiquité Classique* 49 (1980), pp. 115-30; Pedro GIL-SOTRES, “Derivation and revulsion: the theory and practice of medieval phlebotomy”, in Luís GARCIA-BALLESTER, R. FRENCH, J. ARRIZ ABALAGA, A. CUNNINGHAM, *Practical Medicine from Salerno to the Black Death*. Cambridge, Cambridge University Press, 1994, pp. 110-145; Nancy SIR- AISI, *Medieval and Early Renaissance Medicine: An Introduction to Knowledge and Practice*. Chicago, University of Chicago Press, 1990, pp. 115-153 (cap. 5: “Disease and Traitement”). Importa referir igualmente vários trabalhos que se centram no estudo de autores ou obras específicos relacionados com a controvérsia: J. B. SAUNDERS, C. D. O’MALLEY, *Andreas Vesalius Bruxellensis, the Bloodletting Letter of 1539: An Annotated Translation and Study of the Evolution of Vesalius’ Scientific Development*. New York, Henry Shuman, [1947]; Justo HERNÁNDEZ, “La sangría en el *Liber de arte medendi* (1564) de Cristóbal de Vega (1511-1573)”: *Asclepio: Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia* 54.2 (2002), pp. 231-252; Antonio CONTRERAS MAS, “La Polémica sobre la sagnia a Mallorca en el segle XVII: Pere Onofre Esteva (1681)”, in Josep BATLLÓ I ORTIZ *et alii* (eds.), *Actes de la VIII Trobada d’Història de la Ciència i de la Tècnica*. Barcelona, Societat Catalana d’Història de la Ciència i de la Tècnica, 2006, pp. 163-178; Francisco BRAVO, *Sobre la venosección en la pleuritis, y en general de otras inflamaciones del cuerpo*. Estudio preliminar, traducción al castellano y notas de José Gaspar Rodolfo Cortés Riveroll. Puebla, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2008; Sachiko KUSUKAWA, *Picturing the Book of Nature: Image, Text, and Argument in Sixteenth-Century Human Anatomy and Medical Botany*. Chicago, University of Chicago Press, 2012 (em particular o capítulo “Vesalius and the Bloodletting Controversy”, pp. 180-197).

² Dionísio (ou Dinis) Rodrigues é o nome de baptismo de um médico judeu, provavelmente de origem castelhana, referido quase sempre na documentação portuguesa, belga e italiana como doutor Dionísio (*Doctor Dionysius*). A. DI LEONE LEONI [*La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara (1492-1559): I suoi rapporti col governo ducale e la popolazione locale ed i suoi legami con le Nazioni Portoghese di Ancona, Pesaro e Venezia*. Tomo I [-II]. A cura di Laura Graziani Secchieri. Firenze, Leo S. Olschki, 2011, p. 304] deduziu que o nome hebraico de Dionísio era Asher Brudo, sendo este o apelido adoptado genericamente pelos membros da família em diáspora e muito particularmente pelo filho, também médico, que se apresenta como Manuel Brudo ou simplesmente Brudo Lusitano (*Brudus Lusitanus*).

A polémica da sangria na pleurisia (*pleuritis* ou *dolor lateralis*), que foi desencadeada pelo confronto tenaz entre estes dois homens, teve uma repercussão enorme na Europa de Quinhentos, envolvendo os nomes maiores da medicina e fazendo correr rios de tinta em defesa ou contra cada uma das partes.³ Convém recordar que a flebotomia era utilizada como uma das principais terapêuticas na época, fruto de uma prática milenar, assente numa tradição solidamente firmada, cujos fundamentos teóricos remontam às obras maiores da medicina grega. O motivo concreto desta polémica, aos olhos de hoje, parece uma questão irrelevante, não só porque a percepção da eficácia da sangria enquanto terapêutica sofreu uma alteração radical no quadro da medicina moderna,⁴ mas também porque as próprias razões aduzidas na disputa, à luz da análise coeva, não parecem ser suficientemente fundamentadas para justificar uma tão grande controvérsia.⁵

Os humanistas entregaram-se afanosamente ao projecto matricial de recuperação dos antigos textos gregos através da edição e, não raras vezes, da tradução dos mesmos tanto para latim como

³ *Pleuritis* ou *dolor lateralis* designavam genericamente na época as dores na região torácica, abarcando não só as doenças pleuropulmonares como as de outra natureza.

⁴ Sobre o declínio da flebotomia, cuja prática como método terapêutico quase desapareceu na Europa no século XIX, cf. K. Codell CARTER, *The Decline of Therapeutic Bloodletting and the Collapse of Traditional Medicine*. New Brunswick, Transaction Publishers, 2012. Em meados do século XIX eclodiu uma outra polémica famosa, conhecida como *Edinburgh Bloodletting Controversy*, em que se discutiram os motivos pelos quais a flebotomia tinha deixado de ser aplicada como o método terapêutico principal no tratamento de determinadas doenças, nomeadamente no que então era designado como pneumonia. Cf. K. Codell CARTER, “Change of type as an explanation for the decline of therapeutic bloodletting”, *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences* 41 (2010), pp. 1-11.

⁵ P. GIL-SOTRES, op. cit., pp. 110-111, analisa detidamente a teoria e a prática da medicina medieval sobre a flebotomia, considerando que a ruptura originada pela polémica da sangria no século XVI ficou a dever-se a uma perda da consciência histórica de que na medicina medieval já havia indicações muito precisas tanto para o uso do método da *revulsio* como sobretudo da *derivatio*.

para as línguas vernáculas, convencidos da superioridade absoluta deste método eminentemente filológico na busca do saber que estava inscrito nessas obras. Os médicos humanistas procuraram, naturalmente, reformular a teoria e a prática da arte médica de acordo com as novas leituras e interpretações dos textos originais, as únicas que reputavam como fidedignas. Na viragem do século XV para o XVI, acentuou-se o movimento de recuperação das obras da medicina greco-latina, ganhando forma uma reacção cada vez mais intensa contra a medicina escolástica medieval, em particular contra os autores árabes, acusados tantas vezes pelos médicos humanistas, como Pierre Brissot, de terem corrompido e deturpado a verdadeira interpretação dos textos gregos. Na última década do século XV, este movimento ganha forma em Ferrara, o principal baluarte da polémica contra os árabes em Itália,⁶ com a publicação da obra *De Plinii et aliorum in medicina erroribus* de Nicolò Leoniceno (Ferrara, 1492), que vem pôr em causa não só a autoridade do próprio Plínio face a autores gregos como Dioscórides, mas também Avicena⁷ por manifestos e perniciosos erros de compreensão da terminologia botânica e anatómica gregas.⁸ A controvérsia estende-se depressa a outros centros científicos europeus como Florença ou Paris, em

⁶ Sobre o protagonismo da Escola Médica de Ferrara, projectada pela mão experiente do reputado Leoniceno e prosseguida pelos seus brilhantes discípulos Giovanni Manardo e Antonio Musa Brasavola, cf. Vivian NUTTON, “The Rise of Medical Humanism: Ferrara, 1464-1555”, *Renaissance Studies: Journal of the Society for Renaissance Studies*, vol. 11, n.º 1 (1997), pp. 2-19.

⁷ Para uma análise pormenorizada sobre a recepção da obra de Avicena no Renascimento, cf. Nancy SIRAISSI, *Avicenna in Renaissance Italy: the Canon and Medical Teaching in Italian Universities after 1500*. Princeton, Princeton University Press, 1987 (em particular o capítulo intitulado “The Canon in the Medieval Universities and the Humanist Attack on Avicenna”, pp. 43-76).

⁸ Nas palavras esclarecedoras de V. NUTTON, op. cit., pp. 3-4, “It was Leoniceno’s trumpet blast in 1490 *On the errors of Pliny and other doctors in medicine* that provoked a Europe-wide controversy which, as every Renaissance scholar knows, dethroned Avicenna as prince of physicians and replaced him and Pliny with Dioscorides, Galen, and Hippocrates.”

cuja universidade Pierre Brissot foi aluno e professor, obtendo o grau de doutor em Medicina em 1514.⁹ Avançava rapidamente a redescoberta e a edição dos textos nucleares da medicina grega, nomeadamente da obra de Galeno, em cujos preceitos assenta, em grande medida, a sustentação teórica da polémica da sangria.¹⁰ Coube precisamente a Leoniceno (1428-1524) um papel fundamental tanto na preparação das edições aldinas de Aristóteles (1495-1498) e de Dioscórides (1499) como de Galeno (1525).

Pierre Brissot encontra-se na senda directa deste movimento humanista. Viajou para Portugal em 1518, em busca de novidades sobre a matéria médica, mas acabou por falecer em Évora por volta de 1522.¹¹ Após a sua morte, António Lúcio (Antonius Luceus Lusitanus), discípulo de Brissot em Paris, chamou a si a tarefa de editar a *Apologetica disceptatio*, que o seu mestre compusera em resposta a

⁹ Sobre Pierre Brissot, veja-se Michel REULOS, “Brissot, Pierre”, in P. G. BIETENHOLZ - Thomas B. DEUTSCHER (eds.), *Contemporaries of Erasmus: A Biographical Register of the Renaissance and Reformation*, Volume 1. Toronto, University of Toronto Press, 1985, p. 203. A *Vita* de Pierre Brissot da autoria de René Moreau é a principal fonte biográfica sobre o médico francês, ainda que deva ser lida com especial precaução devido às várias incorrecções de que enferma, algumas delas repetidas acriticamente até aos nossos dias. Moreau preparou a quarta edição da *Apologetica disceptatio* de Brissot (1622), publicando numa segunda parte, com frontispício próprio, uma relação de quantos trataram o tema da flebotomia na pleurisia e, em anexo, a *Petri Brissoti Vita* (pp. 85-118): René MOREAU, *De missione sanguinis in pleuritide, ubi demonstratur ex qua corporis parte detractus ille fuerit a duobus annorum milibus, ex omnium pene medicorum Graecorum, Latinorum, Arabum, Barbarorum exacta enumeratione, juxta temporum quibus florere seriem instituta; adiuncta est Pet. Brissoti doctoris medici Parisiensis vita, auctore Renato Moreau, doctore medico Parisiensi*. Parisiis, apud Abrahamum Pacard, 1622.

¹⁰ O texto grego dos três tratados galénicos sobre a flebotomia foi publicado em *Galení librorum pars quarta*. Venetiis, in aedibus Aldi et Andreae Asulani soceri, 1525: 1. *De uenae sectione aduersus Erasistratum*; 2. *De uenae sectione aduersus Erasistrateos Romae degentes*; 3. *De curandi ratione per uenae sectionem*. Peter BRAIN, *Galen on Bloodletting...*, op. cit., faz uma análise minuciosa do posicionamento de Galeno face à flebotomia a partir sobretudo destas três obras, apresentando a sua tradução para inglês.

¹¹ Esta é a data commumente aceite segundo a *Petri Brissoti Vita* de René Moreau, ainda que o nome do médico francês figure numa carta de Jean Lang, datada de 1 de Janeiro de 1524, numa listagem de apoiantes de Erasmo. Cf. Michel REULOS, “Brissot, Pierre”, op. cit., p. 203.

uma polémica havida com um médico de grande nomeada com quem se cruzara em Portugal. Assim, em 1525, sai a lume em Paris, a primeira edição do livro de Brissot, prefaciada pelo seu antigo aluno, natural de Évora:

Petri Brissoti doctoris Parisiensis medici philosophique praestantissimi apologetica disceptatio, qua locetur per quae loca sanguis mitti debeat uisceri inflammationibus, praesertim in pleuritide. Parisiis, ex officina Simonis Colinaei, 1525.

De Pedro Brissot, doutor pela Universidade de Paris, mui eminente médico e filósofo, refutação apologetica, com a qual se ensina quais os lugares por onde deve fazer-se sair o sangue nas inflamações das vísceras, sobretudo na pleurisia. Em Paris, na oficina de Simão Colinus, 1525.

O livro é dedicado por António Lúcio ao cardeal-infante D. Afonso, ainda que Brissot tivesse manifestado intenção de oferecê-lo ao irmão, D. João III, rei de Portugal.¹² O médico eborense manifesta na carta dedicatória a sua imensa gratidão pelo muito que tanto ele como o pai, servidor da casa do infante, deviam a D. Afonso,¹³ razão pela qual decidiu ofertar-lhe a obra.

¹² Veja-se a edição e tradução integral da carta dedicatória no *Apêndice*, 1.1. A carta de António Lúcio foi editada por Luís de MATOS, *Les portugais a l'Université de Paris entre 1500 et 1550*. Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1950, pp. 137-138.

¹³ Como já foi notado por alguns investigadores, não é apenas a família de António Lúcio que se encontra no círculo mais próximo de D. Afonso (1509-1540), pois o doutor Dionísio também granjeou os seus favores, de tal forma que figura entre os beneficiários do testamento do cardeal-infante, conforme é comprovado pela documentação publicada por Sousa VITERBO, “Medicos da família real portugueza, apontamentos para a historia da medicina em Portugal”, *Jornal das Sciencias Medicas de Lisboa*, n.º 11 e 12 (Novembro e Dezembro, 1892), pp. 306-309. Cf. Ricardo JORGE, *Amato Lusitano. Comentos à sua vida, obra e época*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, [D. L. 1962], pp. 155, nota 1; Harry FRIEDENWALD, “Immortality through Medical writ of Error. Dionysius: A Portuguese Jewish Court Physician with Notes on Brudus Lusitanus, His Son, and on Pierre Brissot”, in H. FRIEDENWALD, *The Jews and Medicine Essays*. Volume II. New York, Ktav, 1967, p. 462, nota 9 [publicado originalmente em *Bulletin of the History of Medicine* 7 (1939), pp. 249-256].

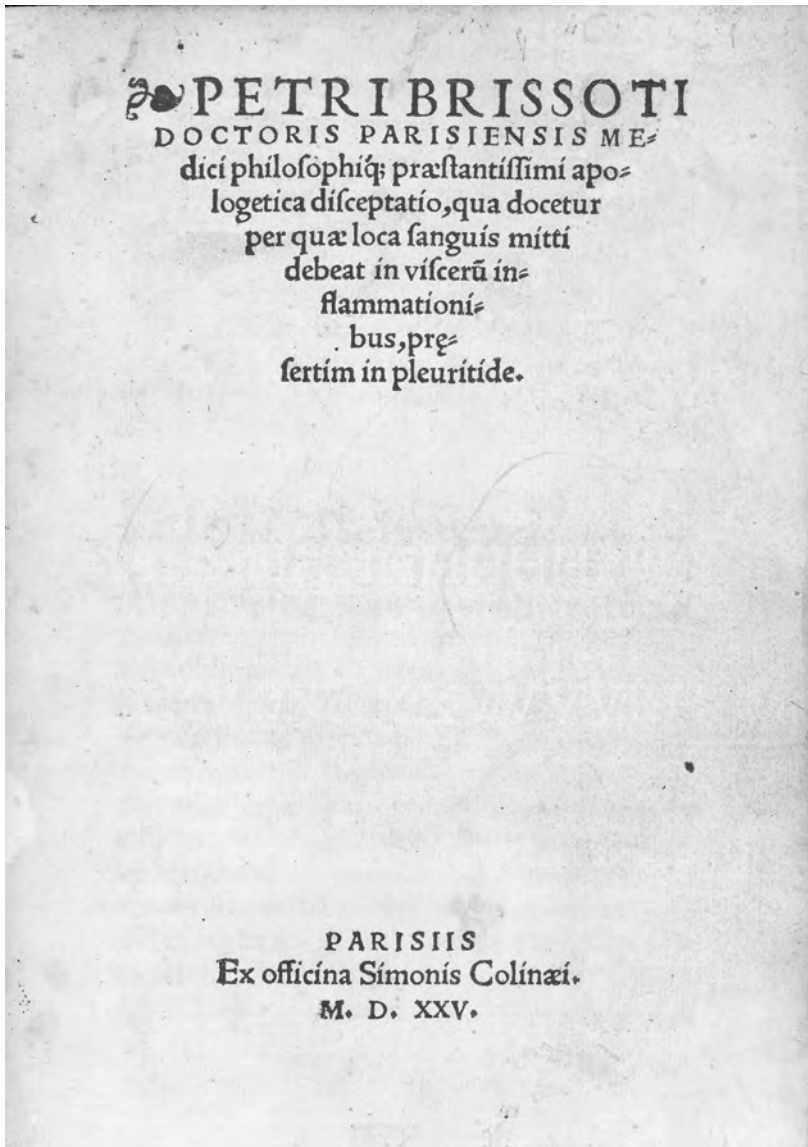


Figura 1

Frontispício do livro de Pierre Brissot (Paris, 1525)
wellcome Library, London (Closed stores EPB / B 7449/B)

Mais importante para a compreensão da génese do livro do médico francês são as palavras que António Lúcio dirige seguidamente ao leitor, esclarecendo quais foram o contexto e as razões que levaram Brissot a compor o livro em resposta à extensa carta que recebera de «certo médico de grande nomeada entre os meus compatriotas», ou seja, do doutor Dionísio, que nunca é nomeado em toda a obra.

Antes de ter vindo para Portugal, Pierre Brissot já havia dado brado em Paris ao pôr em causa o modo estabelecido até então para proceder à sangria no tratamento da pleurisia. Em lugar do método tradicional, assente na tradição que a medicina arábico-latina há séculos vinha impondo no ensino e na prática clínica, o médico francês defendia e praticava o que ele considerava ser o verdadeiro método propugnado por Hipócrates e Galeno em detrimento sobretudo de Avicena.

Chegado a Portugal por volta de 1518, com a intenção nunca concretizada de partir para o Oriente em busca das novas e extraordinárias matérias que então chegavam a Lisboa através da rota do Cabo,¹⁴ estabeleceu-se em Évora e ganhou fama como médico, continuando a prescrever, com sucesso, o novo método na sangria.¹⁵

¹⁴ O esclarecimento das motivações concretas da vinda de Pierre Brissot para Portugal deve-se a um comentário de AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque...enarrationes*, Venetiis, apud Gualterum Scotum, 1553, p. 43 (Lib. I, en. 23: *De cancamo*), no qual dá a conhecer ter sido Brissot o primeiro a identificar o *cancamum* em Portugal:

Hanc vero assertionem primo adstruxit Brissotus Gallus, vir magna eruditione praedictus, qui cum apud Lusitanos ageret, ut inde ad Indos, cupidus cognoscendi rerum novarum, navigaret, gummi hoc vidit, quod cancamum esse dixit.

“Esta afirmação foi feita em primeiro lugar pelo francês Brissot, um varão dotado de grande erudição, que quando estava em Portugal, com o fito de navegar daí para as índias, ávido de conhecer as novidades, viu esta goma, dizendo que era ‘câncamo’.”

¹⁵ É provável que tanto António Lúcio como Francisco de Melo, ambos discípulos de Pierre Brissot em Paris, tenham tido alguma influência na vinda do médico francês para Portugal. Joaquim de CARVALHO [“Sobre o Humanismo português na época da Renascença”, in Joaquim de CARVALHO, *Obra Completa*, vol. IV, p. 2. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, p. 26] coloca a hipótese de Francisco de Melo ter acompanhado o pró-

Rapidamente estalou a polémica com o doutor Dionísio, físico do rei Portugal, defensor acérrimo do método tradicional, que enviou a Brissot uma extensa carta, advertindo-o do erro grave em que estava a incorrer, pondo em risco a vida dos doentes, e aconselhando-o vivamente a respeitar o tratamento correcto aplicado tradicionalmente na pleurisia. Eis as palavras esclarecedoras de António Lúcio:

Prezado leitor, para que não te cause espanto em seguida o inusitado teor de linguagem, foi a seguinte a origem deste assunto. Como forasteiro percorria o meu país Pedro Brissot, o mais perspicaz dos esquadrinhadores da natureza, adregando de o fazer numa época em que, não apenas outras castas de moléstias, mas sobretudo a pleurisia atacava assaz os meus compatriotas. Nesta conjuntura, acodem em chusma a Brissot em busca de saúde (como ordinariamente costuma acontecer com recém-chegados e estrangeiros); ele, consoante tinha aprendido com Hipócrates e Galeno, e já anteriormente soubera ensinado pela própria experiência, sempre que era necessário, prescreveu, sabiamente e com bons resultados, uma sangria no braço correspondente à ilharga afectada. Ao ter conhecimento desta nova espécie de tratamento, [v^o] certo médico de grande nomeada entre os meus compatriotas, que pensou que era de sobejo sabido algo que não tinha aprendido, decidiu advertir o nosso homem da sua ignorância. Por consequência, envia a Brissot uma carta, que até iguala as dimensões de um livro de tamanho médio, na qual exorta este a, de modo inconsiderado, não ter excessiva confiança unicamente em si mesmo, com grande perigo para os doentes. Obstinadamente se esforça por convencer que todos os que antes dele professaram a medicina aconselharam que se fizesse a sangria no lado contrário ao afectado, e isto fundando-se até sobretudo em Avicena, e em Hipócrates, Galeno e toda a antiguidade, para já não falar na mestra experiência. Brissot pensa o contrário, e comprova a sua opinião com estes dois últimos autores, e como que trespassa o inimigo com a sua própria espada.¹⁶

prio Pierre Brissot na viagem para Portugal, em 1518, ainda que a documentação sobre Francisco de Melo apresentada por Luís de Matos, A. Moreira de Sá e José da Silva Terra não favoreça esta possibilidade. Cf. Luís de MATOS, op. cit., pp. 19-20 e 113, n. 2; André de RESENDE, *Oração de Sapiência (Oratio pro rostris)*, tradução de Miguel Pinto de Meneses; introdução e notas de A. Moreira de Sá, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1956, pp. 106-121; José F. da Silva TERRA, “Nouveaux documents sur les Portugais à l’Université de Paris (XVI^e siècle)”, *Arquivos do Centro Cultural Português* 5 (1972), pp. 205-207.

¹⁶ Veja-se a edição e tradução integral no *Apêndice*, 1.2.

No final, António Lúcio fornece indicações precisas ao leitor sobre o método adoptado por Pierre Brissot na organização do livro, a fim de melhor poder responder às críticas de Dionísio: primeiro, a partir da carta apologética recebida, transcreveu os argumentos do adversário sobre o modo como a sangria devia ser feita na pleurisia; a seguir, com rigor, examinou-os e refutou-os por completo, um após outro:

Ora, em primeiro lugar, escreve no princípio, com os seus argumentos, a opinião do adversário, transcrita literalmente daquela carta apologética. Em seguida, aprecia o teor desta e com todo o rigor a examina e reduz a nada. Destarte, que ela de forma alguma pode manter-se em pé, é algo que tu mesmo hás-de julgar, quem quer que sejas tu que venhas a ler, isento de sentimentos hostis contra o autor. Mas, para que a própria discussão se desenvolva de modo mais adequado, tomará o seu começo a partir das palavras resladadas do adversário.¹⁷

Os contendores nesta disputa, cujo epicentro teve lugar em Portugal, são Pierre Brissot e Dionísio: um defendendo que o método da sangria na pleurisia devia passar a ser feito de acordo com os preceitos hipocrático-galénicos definidos a partir do espírito e da letra dos textos gregos; o outro, rejeitando por completo a novidade trazida de Paris pelo médico francês e propugnando a manutenção do método consagrado na tradição da medicina medieval, alicerçado tanto nos autores da tradição árabe, sobretudo em Avicena, como também em Hipócrates e Galeno. As palavras que Brissot dirige a Dionísio na carta introdutória do livro, sublinhando o quanto Avicena e os autores árabes se apartaram de Hipócrates e Galeno, são bem elucidativas sobre as suas convicções mais fundas, já antes explicitadas pelo próprio editor nas palavras ao leitor:

Não imaginas coisa mais inconsiderada, ilustre doutor, do que, em medicina, a qual se descobriu para velar pela saúde dos homens, desviar do caminho comum, que se apoia sobretudo na razão e experimentação. Logo, não

¹⁷ Veja-se a edição e tradução integral do texto de António Lúcio no *Apêndice*, 1.2.

imaginas coisa mais desavisada em medicina do que Avicena e os outros árabes, que se apartaram do caminho comum para os antigos, que se apoia sobretudo, conforme eles mesmos confessam, na razão e na experiência quotidiana de Hipócrates e Galeno.¹⁸

No quadro da teoria humoral galénica, a flebotomia é vista como uma forma privilegiada de restabelecer o equilíbrio, procedendo à evacuação do excesso de sangue produzido pelo corpo (*plethora*), por forma a prevenir a estagnação e corrupção dos humores contidos no sangue, o que está na origem de graves doenças. Os métodos usados para fazer a sangria nas várias enfermidades (*revulsio* e *derivatio*), entre as quais se contava a *pleuritis*, eram conhecidos e praticados desde a antiguidade e estavam perfeitamente consagrados na tradição da medicina árabe, que também bebera, conforme recorda o médico francês, nos próprios autores gregos. Deste modo, a utilização do método revulsivo, numa fase inicial da doença, pretendia evitar que os humores em excesso fluíssem para o foco inflamatório, enquanto a do método derivativo procurava, numa fase posterior, evacuar os humores corruptos já alojados na parte afectada.¹⁹ A distância torna-se uma questão central, já que o sangue devia ser colhido, de acordo com a técnica elegida, no ponto mais próximo (*derivatio*) ou mais afastado (*revulsio*) da inflamação.

Brissot veio pôr em causa a definição tradicional do método revulsivo, ancorando a sua posição na interpretação das obras de

¹⁸ Veja-se a edição e tradução integral do texto de Pierre Brissot no *Apêndice*, 1.3.

¹⁹ Sobre a definição e aplicação dos métodos da *revulsio* e da *derivatio*, cf. Peter BRAIN, op. cit., pp. 129-131; Marie-Hélène MARGANNE, op. cit., pp. 115-130; P. GIL-SOTRES, op. cit., pp. 110-155; J. B. SAUNDERS - C. D. O'MALLEY, op. cit., pp. 7-15; Justo HERNÁNDEZ, op. cit., pp. 245-247. A partir do estudo do magnífico frontispício do livro de Nathaniel Highmore, *Corporis humani disquisitio anatomica* (1651), no qual a *revulsio* e a *derivatio* surgem representadas, Karin EKHOLM ["Anatomy, Bloodletting and Emblems: Interpreting the Title-Page of Nathaniel Highmore's *Disquisitio* (1651)", *Early Science and Medicine* 18 (2013), pp. 87-123] analisa também a questão da sangria e da aplicação dos dois diferentes métodos (pp. 102-109).

Galeno, que cita abundantemente tanto em grego como nas traduções latinas de Thomas Linacre (*Methodus medendi*, Paris, 1519) e de Nicolò Leonicensi (*De arte curativa ad Glauconem*, Paris, 1514).²⁰ Argumenta que o sangue devia ser colhido logo no início, conforme preceituavam Hipócrates e Galeno, não do lado contrário, como até então era norma, mas antes de um ponto mais próximo da afecção.²¹ Assim, a principal diferença entre as duas partes em confronto reside no momento e na sede de fazer a sangria no tratamento da pleurisia: segundo Brissot, em quaisquer circunstâncias, o sangue deve ser extraído no lado do corpo mais próximo da afecção; segundo Dionísio, pelo menos no começo, na fase mais aguda da doença, no lado mais afastado e oposto ao da afecção.

Além do que pode extrair-se dos textos prefaciais do livro de Brissot, pouco se conhece sobre António Lúcio, que se encarregou da edição da *Apologetica disceptatio* do mestre parisiense precocemente desaparecido.²² O jovem médico eborense, que entretanto granjeara alguma notoriedade com o sucesso obtido pelo livro do mestre, estabeleceu-se em Itália, aparecendo referenciado a partir de 1527-1528 como médico particular de Renata de França, duquesa de Ferrara.²³ António Lúcio entrou no círculo restrito da duquesa, composto por figuras como Celio Calcagnini, Johannes Sinapius,

²⁰ Para uma relação das edições e traduções renascentistas de Galeno, cf. Richard J. DURLING, “A Chronological Census of Renaissance Editions and Translations of Galen”, *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes* 24 (1961), pp. 230-305.

²¹ Cf. Sachiko KUSUKAWA, *Picturing the Book of Nature...*, op. cit., pp. 182-183.

²² Sobre os estudos de António Lúcio na Universidade de Paris, cuja comprovação assenta essencialmente nos dados fornecidos no livro de Pierre Brissot, cf. Luís de MATOS, op. cit., pp. 53-54.

²³ Colhemos a generalidade das informações conhecidas sobre a estância de António Lúcio em Ferrara em John L. FLOOD - David J. SHAW, *Johannes Sinapius (1505-1560): Hellenist and Physician in Germany and Italy*, Genève, Droz, 1997 (Travaux d’humanisme et Renaissance; n.º 311); Thomas B. DEUTSCHER, “Lúcio, António”, in P. G. BIETENHOLZ - Thomas B. DEUTSCHER (eds.), *Contemporaries of Erasmus: A Biographical Register of the Renaissance and Reformation*, volume 2, Toronto, University of Toronto Press, 2003, p. 355.

Clément Marot, Lilio Gregorio Giraldi²⁴ ou Bartholomeo Riccio. Surgem algumas notícias de António Lúcio através das referências que lhe vão fazendo os amigos na correspondência: Celio Calcagnini, de quem subsiste uma carta endereçada ao humanista português,²⁵ e sobretudo Johannes Sinapius, o colega alemão com quem partilha o exercício da função de médico da duquesa.²⁶ António Lúcio respondeu-se com Erasmo,²⁷ a quem Johannes Sinapius manda cumprimentos da parte do médico português na carta que lhe envia com a notícia da morte de Giovanni Manardo em 1536.²⁸ A última referência conhecida do médico eborense consiste num registo documental em que António Lúcio e Johannes Sinapius, professor de

²⁴ Lilio Gregorio Giraldi fez de Diogo Pires, primo de Amato Lusitano, um dos principais interlocutores da sua obra *Dialogi duo de poetis nostrorum temporum* (Florença, 1551), cabendo ao talentoso poeta eborense fazer a apresentação dos poetas portugueses, espanhóis e ingleses. Após a chegada a Ferrara da família Pires-Cohen, no início da década de quarenta, Diogo Pires e Amato Lusitano passam a frequentar os mesmos círculos em que António Lúcio até então se movia. Cf. A. M. L. ANDRADE, *O Cato Minor de Diogo Pires e a Poesia Didáctica do séc. XVI*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2014, pp. 111-114.

²⁵ Celio CALCAGNINI, *Opera aliquot*. Basileae, [per Hier. Frobenium et Nic. Episcopium], 1544, p. 180. A carta endereçada a «Antonio Luceio physico» foi publicada por John L. FLOOD - David J. SHAW, op. cit., pp. 170-171.

²⁶ Amato Lusitano conheceu Johannes Sinapius, decerto em Ferrara no início da década de 40, referindo-se ao colega alemão, em termos bastante elogiosos, nos comentários a Dioscórides. Cf. AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis...*, op. cit., p. 68 (Lib. I, en. 70: *De iasmino*): «Porro Pandectarius, ne ab ista chorea eliminetur, per iaseminum, rosam moschatam Damascenam dictam intelligi, prope finem suarum pandectarum vult, cuius opinionem Ioan. Sinapius Germanus vir varia eruditione praeditus, tanquam vera, cum mecum de hac re dissereret, affirmabat.»

²⁷ A identificação foi feita por P. C. ALLEN, H. M. ALLEN, H. W. GARROD (eds.), *Opus epistolarum Des. Erasmi Roterdami*, vol. XI. Oxford, in typographeo Clarendoniano, 1947, pp. 313-314, n.º 3113. A partir das cartas n.º 2956 e 3113, trocadas entre Sinapius e Erasmo, percebe-se que António Lúcio enviou uma carta a Erasmo e que este lhe respondeu, embora infelizmente nenhuma delas tenha sido localizada até ao presente. As cartas n.º 2956 (Erasmo para Sinapius. Friburgo, 31 de Julho de 1534) e n.º 3113 (Sinapius para Erasmo. Ferrara, 3 de Abril de 1536) foram também publicadas por John L. FLOOD - David J. SHAW, op. cit., pp. 171-173 e 178.

²⁸ Trata-se da carta n.º 3113 mencionada na nota precedente.

Medicina na Universidade de Ferrara, aparecem na qualidade de testemunhas nas provas de doutoramento em Medicina do candidato Levinus Vanderpiet, realizadas no dia 25 de Maio de 1540, sendo ambos designados como «Medici Duchisse Ferrariae». ²⁹

O livro de Pierre Brissot teve enorme divulgação e acolhimento entre os médicos humanistas;³⁰ ao invés, da carta de Dionísio, que mais parecia um livro, segundo comenta de forma mordaz o editor, restaram apenas as partes transcritas pelo médico francês. O esquecimento a que tem sido votada a figura do doutor Dionísio em toda esta polémica acentuou-se ainda mais porque Pierre Brissot, em parte alguma do livro, nomeia o seu adversário, que invoca na abertura do tratado apenas como “egregie Doctor” ou “colende Doctor”. O primeiro autor a identificar, inequivocamente, o destinatário de Brissot foi Amato Lusitano, em 1551,³¹ mais tarde secundado por René Moreau, em 1632, quando publicou a *Vita* do médico francês. Além disso, este apagamento ter-se-á acentuado ainda

²⁹ Cf. John L. FLOOD - David J. SHAW, op. cit., p. 84.

³⁰ O livro de Brissot teve mais duas edições no século XVI, em 1529 e 1539, sendo que a terceira inclui mais duas obras sobre a polémica da sangria da autoria de partidários do médico francês: Matteo Corti (1475-1552) e Vittore Trincavelli (1496-1568), reputados professores de Pádua e de Bolonha. Já no século seguinte, voltou a ser editado por René Moreau, professor da Universidade de Paris, que é também autor da biografia de Pierre Brissot:

– 2.^a edição: *Petri Brissoti doctoris Parisiensis medici philosophique praestantissimi apologetica disceptatio, qua locetur per quae loca sanguis mitti debeat visceri inflammationibus, praesertim in pleuritide*. Basileae, in aedibus Thomae wolffii, 1529.

– 3.^a edição: *Petri Brissoti de uena seccanda tum in pleuritide tum in aliis viscerum inflammationibus libellus apologeticus: doctus et elegans. Matthaei Curtii de eadem re libellus. Victoris Trincavelli Veneti de eadem re rudimentum*. [Venetiis, per Bartholomaeum de z anettis], 1539.

– 4.^a edição: *Petri Brissoti doctoris medici Parisiensis praestantissimi apologetica disceptatio. In qua docetur per quae loca sanguis mitti debeat in visceri inflammationibus, praesertim in pleuritide. Editio noua a Renato Moreau doctore medico Parisiensi, illustrata qui διάλεξις de missione sanguinis in pleuritide subiunxit*. Parisiis, apud Abrahamum Pacard, 1622.

³¹ Cf. AMATO LUSITANO, *Curationum medicinalium centuria prima, multiplici uariaque rerum cognitione referta*. Florentiae, excudebat Laurentius Torrentinus, 1551 (Cent. I, Curat. 2: *Curatio secunda apud Belgas habita, in qua agitur de colici doloris curatione*).

mais, porque a partir do estabelecimento da Inquisição em Portugal, em 1536, passou a ser no mínimo inconveniente, pelo menos para quem estava em territórios sob a sua jurisdição, vir em defesa de um médico cristão-novo, fugido de Portugal e, como adiante se verá, mais tarde procurado e sentenciado pelo Tribunal do Santo Ofício de Lisboa.

A história dos acontecimentos que estiveram na génese desta polémica andou sempre envolta em grande mistério, adensado por lacunas aparentemente inultrapassáveis e pela proliferação de historietas diversas que foram sendo repetidas acriticamente ao longo de séculos, muitas delas propaladas a partir da biografia de René Moreau, um século após a morte de Pierre Brissot.³² As dúvidas, porém, aumentavam mais ainda, quando era tido na devida consideração um outro comentário de Amato Lusitano, no qual este afirma, inequivocamente, que então se conservavam duas *Apologiae* sobre o polémico tema da sangria, uma da autoria de Pierre Brissot e outra de Dionísio. A mais elucidativa referência do médico albicastrense aos dois contendores encontra-se nos comentários a Dioscórides, cuja *editio princeps* data de 1553, na *enarratio* dedicada às lentilhas:

Animadvertant igitur, qui libros de victus ratione febricitantium, inscribunt, in quibus lentes laudant, quanto deprehensi sint errore, praecipue Brudus Lusitanus, qui etsi saepe a me de hac re monitus fuerit, nunquam tamen a pravo errore et inveterato se abstinere et retrahere voluit, forsan patris sui secutus opinionem, qui Arabum maximus erat assecla, nomine Dionysius, qui olim cum Brissoto Gallo, de pleuritide longos habuit sermones, de qua re extant utriusque Apologiae.³³

³² A este propósito, devem ler-se atentamente as considerações pertinentes de Ricardo Jorge que alerta para a necessidade premente de proceder a uma revisão crítica sobre a biografia de Pierre Brissot, considerando ser preciso, a nosso ver com inteira razão, refutar e corrigir várias afirmações de René Moreau que foram sendo repetidas acriticamente até aos nossos dias. Cf. Ricardo JORGE, op. cit., pp. 152-157.

³³ AMATO LUSITANO, *In Dioscoridis...*, op. cit., p. 233 (Lib. II, en. 101: *De lentibus*). Apresenta-se a tradução de Telmo Corujo dos Reis (Universidade da Madeira), realizada no âmbito do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de

Notem, portanto, os que alegam a autoridade dos livros *Do Regime dos Doentes Febris*, nos quais se concedem louvores às lentilhas, o quão redondamente se enganaram, sobretudo Brudo Lusitano que, embora tenha sido por mim muitas vezes advertido sobre este assunto, nunca contudo quis abster-se e livrar-se de um erro insensato e inveterado, tendo seguido talvez a opinião de seu pai, que era o mais acérrimo seguidor dos árabes, de seu nome Dionísio, que outrora manteve com o francês Brissot longos debates a respeito da pleurisia, assunto sobre o qual se conservam ainda as *Apologias* de um e de outro.

A que obra se estaria a referir Amato quando afirma que se conserva uma apologia da autoria de Dionísio? Não parecia verosímil que fosse uma simples alusão à extensíssima carta enviada por Dionísio a Brissot. Tudo indicava, portanto, que estivesse a referir-se a um livro impresso. No entanto, dos dois escritos centrais publicados sobre a polémica da sangria por cada um dos contendores, Pierre Brissot e Dionísio, até há pouco tempo apenas restava o livro do médico francês, saído a lume em 1525; subsistia, porém, esta referência inequívoca e intrigante de Amato Lusitano de que havia sido publicada uma outra obra da autoria de Dionísio. Este livro não passava já de uma simples e longínqua referência na História da Medicina, tantas vezes olvidada por completo pelos investigadores, em favor da figura mais conhecida de Pierre Brissot, quando se deu o extraordinário reaparecimento do livro do doutor Dionísio, para sempre julgado perdido por historiadores como Sousa Viterbo,³⁴

Amato Lusitano”, cujo objectivo central é a preparação da edição e tradução dos dois livros que Amato Lusitano dedicou ao comentário do tratado grego *De materia medica* de Dioscórides, ou seja, o *Index Dioscoridis* (Antuérpia, 1536) e as *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque...enarrationes* (Veneza, 1553).

³⁴ Sousa Viterbo, que desconhecia as indicações de Amato Lusitano, refere-se da seguinte forma à existência do livro de Dionísio: «São escassas as noticias que nos fornecem os bibliographos e historiadores ácerca d’este medico notavel, *physico e sorlogião*, como lhe chamam os documentos da epocha. Barbosa apenas teve conhecimento d’elle por uma referencia que encontrou em Monardes, o qual lhe attribue uma obra, resultado de uma controversia que teve com Brissot, illustre medico francez, ácerca da sangria no pleuriz. Se esta obra se publicou, como é de supor, não ha quem dê noticia de nenhum exemplar.» Cf. Sousa VITERBO, “Medicos da familia real portugueza...”, op. cit., pp. 305-306.

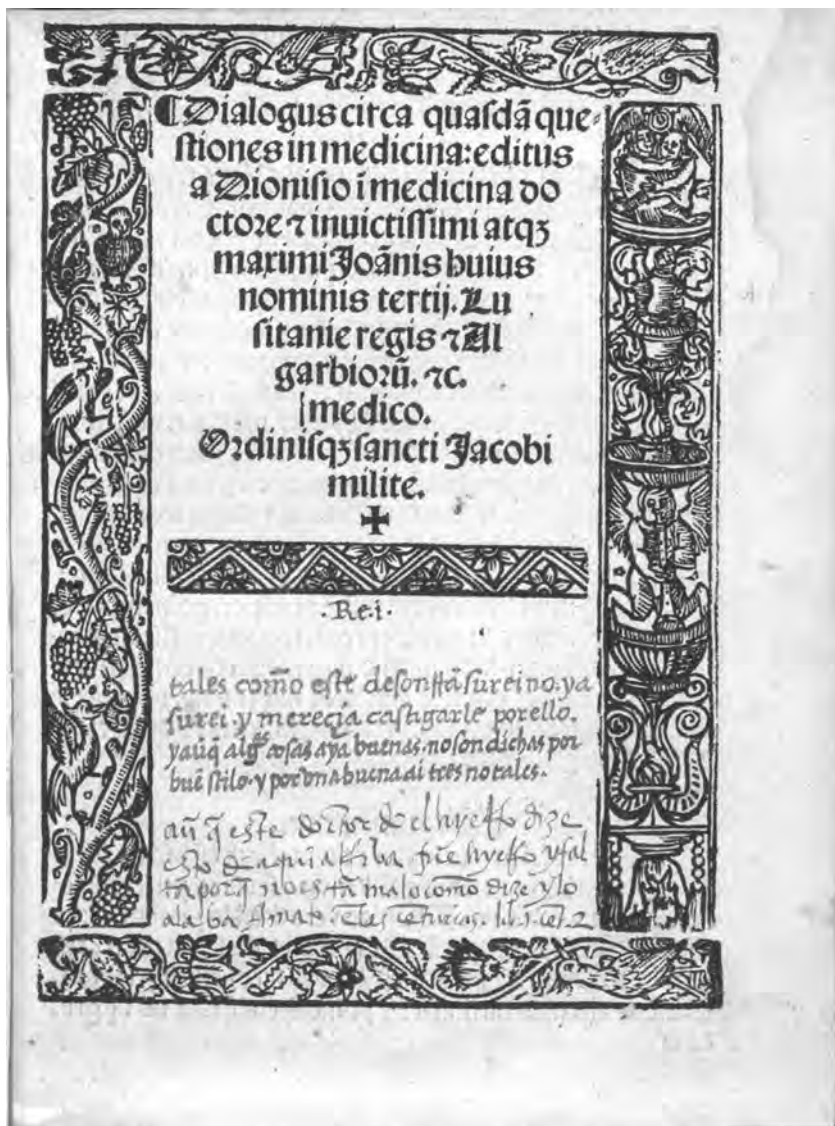


Figura 2

Frontispício do livro de Dionísio (Lisboa, c.1530-1535)
Biblioteca Nacional de Portugal (RES. 6038 P.)

Ricardo Jorge³⁵ ou Harry Friedenwald,³⁶ actualmente à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal.³⁷

O livro de Dionísio não possui pé de imprensa nem colofão. Na ficha bibliográfica da Biblioteca Nacional de Portugal, por comparação com o parque tipográfico de Germão Galharde, considerouse que foi publicado em Lisboa, no período compreendido entre 1530 e 1535, nos prelos do impressor Germão Galharde.³⁸ Eis o título do cimélio em latim e em versão portuguesa:

Dialogus circa quasdam quaestiones in medicina, editus a Dionisio in Medicina doctore et inuictissimi atque maximi Ioannis huius nominis tertii, Lusitaniae regi et Algarbiorum etc., medico, Ordinisque Sancti Iacobi milite.

³⁵ Ricardo JORGE, op. cit., p. 157, equacionou perfeitamente a questão: «O libelo contra o médico francês por parte do médico português ninguém sabe o que seja nem onde esteja; todos se lhe referem sem jamais o terem visto. Que circulou, testifica-o o dizer do Amato: *de qua re extant utriusque Apologiae*».

³⁶ H. FRIEDENWALD, op. cit., p. 467, comentava deste modo, em 1939, o desaparecimento do livro de Dionísio: «The book that Dionisyus wrote has long been lost. The book in which Brissot replied is preserved in a number of editions and has served as Dionisyus' memorial.»

³⁷ O livro de Dionísio conserva-se na Biblioteca Nacional de Portugal na Coleção dos Impressos Reservados sob a cota RES. 6038 P, estando disponível uma reprodução integral na Biblioteca Nacional Digital, através do endereço <http://purl.pt/15307>. Tivemos conhecimento da existência de um outro exemplar deste raríssimo livro, pertencente a uma colecção particular, de que foram feitas cópias. Baldaram-se infelizmente todas as nossas tentativas no sentido de o consultar, com o que se gorou a possibilidade de transcrever e traduzir todo o texto do interessante diálogo inicial, que em seguida parcialmente comentaremos e que a todas as luzes semelha truncado no exemplar da Biblioteca Nacional de Portugal.

³⁸ Veja-se, por exemplo, as semelhanças evidentes com o opúsculo anónimo *Modus curandi cum balsamo* (BNP, RES. 5561 P; BND, <http://purl.pt/14824>), saído dos prelos de Germão Galharde por volta de 1530, segundo a análise bibliográfica de José Vitorino de Pina Martins. Cf. *Modus curandi cum balsamo*. Edição fac-similada. Prefácio de José V. de Pina Martins. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1988. Curiosamente, o autor deste opúsculo, publicado na mesma época e pelo mesmo impressor do livro do doutor Dionísio, também se refere de passagem à flebotomia, quando afirma: «Et si dolorem aut febres habuerit iste vulneratus, in tali casu debetis eum facere phlebotomari ex parte opposita: sicut precipiunt doctores» (fl. aijv). Pelas referências à autoridade dos *doctores* e pela simplicidade do latim, estamos em crer que o autor pertencerá à categoria dos cirurgiões (*chirurgici experti*).

Diálogo acerca de certas questões de Medicina, publicado por Dionísio, doutor em Medicina e médico do invictíssimo e insuperável D. João III, rei de Portugal e dos Algarves etc., e cavaleiro da Ordem de Santiago

Porém, a figura do autor deste livro magnífico não é completamente desconhecida, já que alguns historiadores, à imagem de Sousa Viterbo, Maximiano Lemos, Ricardo Jorge ou Harry Friedenwald, procuraram ao longo do tempo coligir os elementos biográficos disponíveis sobre este afamado físico do rei de Portugal.³⁹ O interesse manifestado pelo doutor Dionísio decorreu quase sempre dos estudos sobre Amato Lusitano, cujas referências tanto nos *Comentários* a Dioscórides como nas *Centúrias de Curas Mediciniais* constituíram, durante séculos, uma das fontes mais credíveis sobre a polémica entre Brissot e Dionísio. O médico albicastrense tomou partido declarado pela posição de Pierre Brissot,⁴⁰ não obstante o respeito que lhe merecia a pessoa do doutor Dionísio, com quem privou, se não antes, pelo menos em Antuérpia, na segunda metade da década de 30, e em Ferrara, nos primeiros anos da década de 40. O avanço do conhecimento havido nos últimos anos sobre a diáspora dos judeus portugueses, nomeadamente sobre a família Pires-

³⁹ Cf. Sousa VITERBO, “Medicos da familia real portugueza...”, op. cit., pp. 305-314; IDEM, “Notícia sobre alguns médicos portuguêsês ou que exerceram a sua profissão em Portugal: subsídios para a História da Medicina Portuguesa”: *Archivos de História da Medicina Portuguesa* 3 (1912), pp. 21-23; Maximiano LEMOS, *Amato Lusitano: a sua vida e a sua obra*. Porto, Eduardo Tavares Martins, 1907, pp. 41-42 e 73-74; IDEM, “Amato Lusitano – novas investigações”: *Arquivos de História da Medicina Portuguesa* 6 (1915), pp. 138-140; Ricardo JORGE, op. cit., pp. 152-158; Harry FRIEDENWALD, op. cit., pp. 460-467.

⁴⁰ Amato revela sempre alguma simpatia pelo lado de Brissot nas referências que faz aos contendores da polémica da sangria. Numa das suas primeiras *curationes*, discute directa e extensamente o problema, declarando-se partidário do médico francês. Cf. AMATO LUSITANO, *Curationum medicinalium centuria prima*, op. cit. (Cent. I, Curat. 52: *De pleuritide ac de ratione vera, propter quid in pleuritide secunda vena sit axillaris eiusdem brachii ubi dolor est*). A este respeito, veja-se o estudo de Ricardo JORGE, “A Renascença Médica em Portugal: Pierre Brissot e Amato Lusitano”: *Lusitania. Revista de Estudos Portugueses* 2 (Março de 1924), pp. 187-192.

Cohen,⁴¹ a que Amato pertence, e sobre a família Rodrigues-Brudo,⁴² veio permitir igualmente contextualizar e compreender melhor o percurso, a acção e a obra do doutor Dionísio, assente nas fontes mais relevantes (documentais e impressas).

Os cristãos-novos portugueses, que abandonaram o país nas primeiras décadas de Quinhentos, percorreram um caminho difícil, através da Europa, desde Portugal até ao Império Otomano. Dionísio, Manuel Brudo (pai e filho) e Amato Lusitano, representam as duas primeiras gerações em diáspora: os que nasceram antes e depois da Conversão Geral de 1497. Manuel Brudo e Amato Lusitano nasceram ambos em Portugal, sensivelmente na mesma época, e mantiveram ao longo da vida uma relação de amizade; Dionísio, pelo contrário, nunca se afirma como lusitano, quer no próprio livro, quer na documentação portuguesa, belga ou italiana. É compreensível que assim seja porque se encontra entre os judeus de Castela e de Aragão que deram entrada e se estabeleceram em Portugal na sequência da expulsão dos reinos vizinhos em 1492. As relações de amizade entre as famílias Rodrigues-Brudo e Pires-Cohen (a que pertence Amato pela parte materna)⁴³ datam seguramente

⁴¹ Para uma análise pormenorizada da constituição e das actividades da família eborense Pires-Cohen, veja-se o nosso trabalho: A. M. L. ANDRADE, *O Cato Minor de Diogo Pires...*, op. cit., cuja primeira parte (pp. 25-157) traça um esboço biográfico da família Pires-Cohen, em que se inserem Diogo Pires e Amato Lusitano.

⁴² O conhecimento da acção, do percurso e da constituição da família Rodrigues-Brudo, muito em particular na diáspora, deve-se em boa parte aos trabalhos de A. di LEONE LEONI, *The Hebrew Portuguese Nations in Antwerp and London at the Time of Charles V and Henry VIII: New Documents and Interpretations*, Jersey City, Ktav, 2005, pp. 106-110; IDEM, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara*, op. cit., pp. 304-311; e de Viviana BONAZZOLI, “Ebrei italiani, portoghesi, levantini sulla piazza commerciale di Ancona intorno alla metà del Cinquecento”, in Gaetano GOZZI (a cura di), *Gli Ebrei e Venezia: secoli XIV-XVIII*. Atti del Convegno internazionale organizzato dall'Istituto di storia della società e dello stato veneziano della Fondazione Giorgio Cini (Venezia, Isola di San Giorgio Maggiore, 5-10 giugno 1983). Milano, Edizioni Comunità, 1987, 727-770; IDEM, “Una identità ricostruita. I portoghesi ad Ancona dal 1530 al 1547”, *Zakhor – Rivista di Storia degli Ebrei d'Italia* 5 (2001-2002), pp. 9-38.

⁴³ A confirmação das relações familiares de Amato foi demonstrada em A. M. L. AN-

das primeiras décadas de Quinhentos, em que ambas estavam estabelecidas na cidade de Évora,⁴⁴ e foram reforçadas mais tarde, em Antuérpia e sobretudo em Ancona, através do casamento de Manuel Henriques (primo de Amato) com Ester Brudo (filha do doutor Dionísio e irmã de Manuel Brudo).⁴⁵

Após a entrada em Portugal, vindo muito provavelmente de Castela, Dionísio alcança o alto reconhecimento das suas distinguidas qualidades enquanto médico, recebendo diversos benefícios e mercês e pelos serviços prestados como físico particular não só de D. João III e de D. Catarina, como de outras figuras destacadas da corte, onde sobressai o cardeal-infante D. Afonso (1508-1540), filho de D. Manuel. A documentação portuguesa sobre o doutor Dionísio, pertencente quase na totalidade ao reinado de D. João III, foi trazida a público graças ao labor de Sousa Viterbo.⁴⁶ Aos vários documentos trazidos a lume por este insigne historiador, de que daremos notícia de seguida, acrescenta-se uma licença para andar de mula concedida ao doutor Dionísio, por sinal a carta mais antiga, datada de 26 de Março de 1521.⁴⁷

DRADE, “Ciência, Negócio e Religião: Amato Lusitano em Antuérpia”, in Inês de Ornellas e CASTRO – Vanda ANASTÁCIO (coord.), *Revisitar os Saberes – Referências Clássicas na Cultura Portuguesa do Renascimento à Época Moderna*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 9-49.

⁴⁴ A família Pires-Cohen estava há várias gerações estabelecida em Évora, conforme refere Diogo Pires (Didacus Pyrrhus Lusitanus ou Iacobus Flavius Eborensis) numa composição poética em que evoca a figura do avô (veja-se a edição e tradução do poema em Carlos Ascenso ANDRÉ, *Um judeu no desterro: Diogo Pires e a memória de Portugal*. Coimbra, Instituto Nacional de Investigação Científica, 2005, pp. 59-60); a família Rodrigues Brudo estabeleceu-se também em Évora nas primeiras décadas de Quinhentos, porquanto o doutor Dionísio acompanharia decerto a corte, que então estanciava durante largas temporadas na cidade alentejana. A corte estabeleceu-se em permanência na cidade de Évora ao longo de quase toda a década de trinta, entre 23 de Maio de 1531 e 7 de Agosto de 1537.

⁴⁵ Cf. V. BONAZZOLI, “Ebrei italiani, portoghesi, levantini...”, op. cit., p. 768, nota 141.

⁴⁶ Cf. Sousa VITERBO, “Médicos da família real portuguesa...”, op. cit., pp. 305-314; IDEM, “Notícia sobre alguns médicos portugueses...”, op. cit., pp. 21-23.

⁴⁷ ANTI, *Chancelaria de D. Manuel I*, liv. 44, fl. 45v.

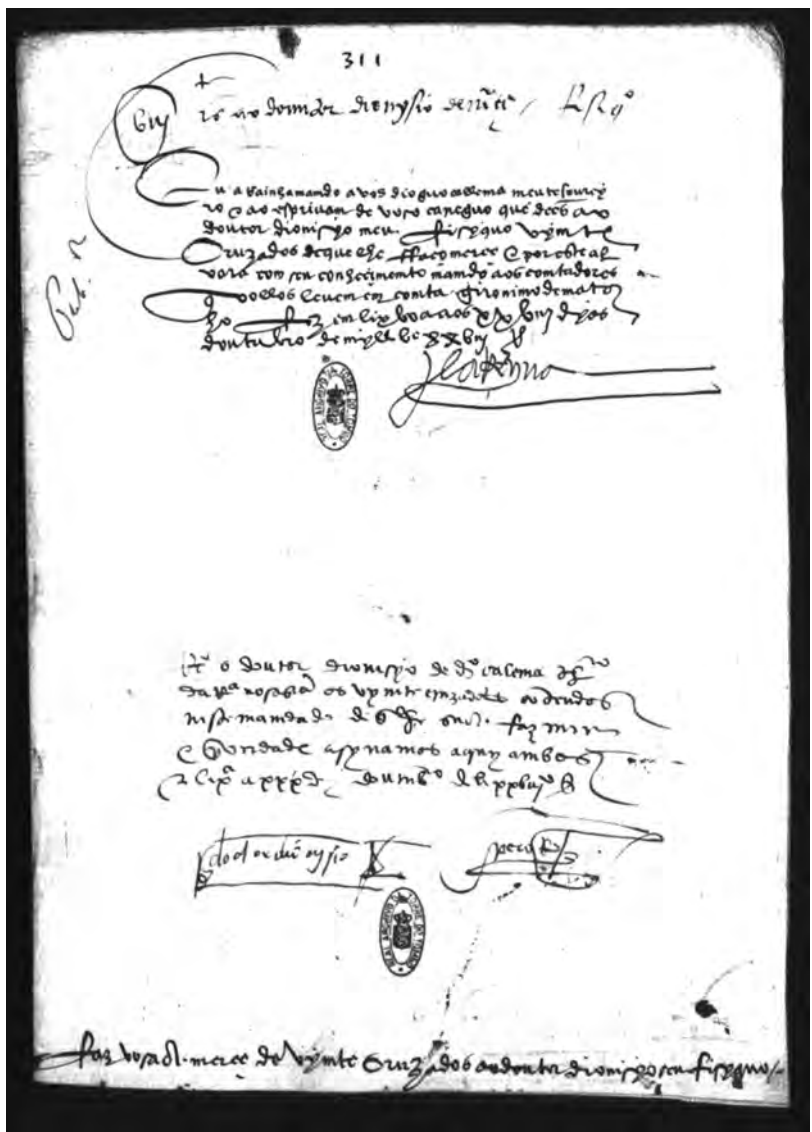


Figura 3

Alvará da rainha para se dar ao doutor Dionísio, físico, 20 cruzados de mercê.
 Assinatura do doutor Dionísio no recibo.
 ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, maço 41, doc. 88.

Assim, por alvará da rainha D. Catarina, de 28 de Outubro de 1528, é mandado dar «ao doutor Dionisyo meu fisico, vyme cruzados de que lhe ffaço merce»;⁴⁸ um alvará igualmente de D. Catarina, de 4 de Fevereiro de 1529, manda pagar a mestre Lopo, seu boticário, 64.458 réis relativos ao rol de receitas fornecidas no ano anterior, tendo cabido ao doutor Dionísio a verificação e colocação do preço nas receitas;⁴⁹ em 1 de Março de 1530, é concedida ao doutor Dionísio, por alvará de D. João III, uma tença anual de 12 mil reais em retribuição dos serviços prestados pelo «doutor Dionisyo meu fisico», em vez da anterior de 10 mil reais outorgada por carta de 19 de Fevereiro de 1530;⁵⁰ em 31 de Maio de 1532 são concedidos ao doutor Dionísio 12 mil reais de tença, do rendimento da sisa dos vinhos de Lisboa;⁵¹ em 23 de Agosto de 1533 é concedida licença de porte de armas, durante a noite, aos criados e escravos do «fisico e solorgiã do Infante cardeal meu muito amado he prezado irmão»;⁵² em 12 de Dezembro de 1533, é passada carta de tença anual de 10 moios de trigo, em retribuição dos serviços prestados pelo doutor Dionísio a D. Catarina;⁵³ por um alvará de 10 de Junho

⁴⁸ ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, Maço 41, Documento 88. Veja-se a transcrição do documento em Sousa VITERBO, “Notícia sobre alguns médicos portugueses...”, op. cit., pp. 21-22.

⁴⁹ ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, Maço 24, Documento 25. A assinatura do doutor Dionísio aparece num outro documento semelhante, não referido por Viterbo, um alvará de D. Catarina, de 1 de Agosto de 1528, para se pagar ao mesmo mestre Lopo 66.669 réis que deu de remédios para a casa da rainha (ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte I, Maço 38, Documento 75).

⁵⁰ ANTT, *Chancelaria de D. João III*, Doações, Ofícios e Mercês, liv. 42, fl. 28. Veja-se a transcrição do documento em *Chartularium Universitatis Portugalensis* (1530-1532), volume XIV. Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2001, p. 16, n.º 5997.

⁵¹ ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte II, Maço 175, Documento 101. Veja-se a transcrição do documento em Sousa VITERBO, “Notícia sobre alguns médicos portugueses...”, op. cit., p. 22.

⁵² ANTT, *Chancelaria de D. João III*, Doações, Ofícios e Mercês, liv. 45, fl. 65v.

⁵³ ANTT, *Chancelaria de D. João III*, Doações, Ofícios e Mercês, liv. 19, fl. 239. Veja-se a transcrição do documento em *Chartularium Universitatis Portugalensis* (1533-1537), volume XV. Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003, p. 200, n.º 6608.

de 1534, é mandado dar ao doutor Dionísio 12 mil reais de tença do rendimento da alfândega de Lisboa, tendo sido recebidos pelo seu filho, o licenciado Afonso Rodrigues, que apresentou para o efeito uma procuração paterna.⁵⁴

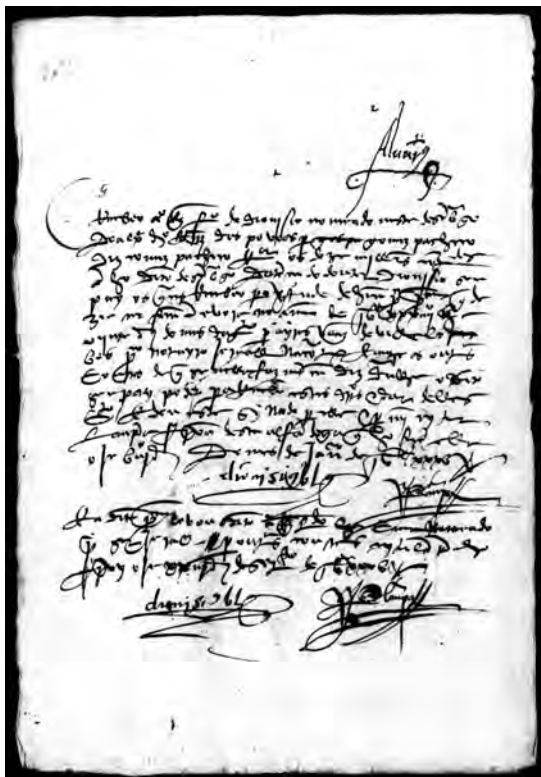


Figura 4

Atribuição ao doutor Dionísio de 12 mil reais de tença, recebidos pelo seu filho, o licenciado Afonso Rodrigues, com procuração paterna. Assinatura do filho de Dionísio. ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte II, maço 197, doc. 21.

⁵⁴ ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte II, Maço 197, Documento 21. Veja-se a transcrição do documento em Sousa VITERBO, “Notícia sobre alguns médicos portugueses...”, op. cit., pp. 22-23.

Este último documento é bastante importante por permitir identificar inequivocamente o licenciado Afonso Rodrigues como filho do doutor Dionísio, que passou uma procuração ao filho, para que este recebesse a sua tença relativa ao ano de 1534, talvez por entretanto ter abandonado o país. Deve notar-se que Afonso Rodrigues assinou por duas vezes nesta carta como «Dionisius Licenciatus» e que o doutor Dionísio é sempre referido na qualidade de doutor, nunca na de licenciado, na documentação conhecida. Estamos em crer que o filho do doutor Dionísio terá ficado em Portugal, após a partida da família em meados da década de trinta, continuando a agir em nome do pai através de procuração. Com base numa carta de 1 de Agosto de 1548,⁵⁵ em que D. João III estabelece um acordo com D. Luís, testamenteiro de D. Afonso, para que se procedesse ao pagamento parcial das tenças testamentárias do cardeal-infante, Viterbo considerou que o doutor Dionísio, um dos beneficiários de tença, ainda se mantinha em Portugal nessa data,⁵⁶ o que se revela muito pouco provável em função dos dados conhecidos, conforme bem assinalou Friedenwald.⁵⁷ Na verdade, quer nos parecer que o licenciado Dionísio referido várias vezes neste documento de 1548 só poderá ser o licenciado Afonso Rodrigues, que havia assinado «Dionisius Licenciatus», em 1535, na cobrança da tença do pai.

Dionísio exerceu as funções de «físiquo e solorgiã» de D. Afonso, que lhe concedeu uma tença testamentária, como acaba de ser referido. Percebe-se que as relações do doutor Dionísio com a casa do cardeal e com a própria família real eram muito próximas. A acreditar num testemunho tardio, dois dos seus filhos foram discípulos de André de Resende, em Évora, quem sabe se colegas de carteira de

⁵⁵ ANTT, *Chancelaria de D. João III*, Doações, Ofícios e Mercês, liv. 60, fl. 57.

⁵⁶ Cf. Sousa VITERBO, “Medicos da familia real portugueza...”, op. cit., pp. 311.

⁵⁷ Cf. H. FRIEDENWALD, op. cit., p. 462.

algum dos infantes.⁵⁸ Na verdade, o próprio André de Resende, figura muito próxima de D. Afonso,⁵⁹ foi preceptor em Évora de «dos hijos de maestro Donys Physico mayor del Rey don Juan», conforme afirma Bartolomeu de Albornoz numa carta enviada a André de Resende (c.1571):

Mas que diremos de Amato Lusitano que se llama Rodrigo de Castelbranco y de los dos Bruudos discipulos de V. Md. y hijos de maestro Donys (*sic*) Physico mayor del Rey don Juan, que no contentos con auerse ydo a ser judios a Salonique escriven desde alla obras para que sepamos como son judios, esto mismo hizo mas Phelippe el z urujano que hallo la cura de las carnosidades de la orina del qual escriue Laguna que se fue a morir a Jerusalem.⁶⁰

Ora foi precisamente na cidade de Évora, entre o reinado de D. Manuel e o de D. João III, que ocorreram os acontecimentos que estiveram na origem da referida polémica da sangria, na sequência do confronto travado entre dois médicos, cujo resultado mais palpável são as duas apologias de que aqui nos ocupamos.

Dionísio ostenta orgulhosamente no frontispício do livro o título de cavaleiro da Ordem de Santiago, cuja atribuição foi possí-

⁵⁸ André de Resende era preceptor de meninos, tendo sido mestre do infante D. Duarte, a quem tece rasgados elogios na sua *Vida do Infante D. Duarte*. Lisboa, na offic. da Academia Real das Sciencias, 1789.

⁵⁹ Para uma caracterização da casa do cardeal-infante D. Afonso e das suas relações privilegiadas com André de Resende, cf. Hugo Miguel CRESPO, “André de Resende na Inquisição de Évora e a apologética anti-judaica: ciência teológica, doutrina e castigo (1541). Um autógrafo inédito. Novos documentos para as biografias de André de Resende e Jorge Coelho”, in António ANDRADE, João TORRA O, Jorge COSTA, Júlio COSTA (coordenação editorial), *Humanismo, Diáspora e Ciência (séculos XVI e XVII): estudos, catálogo, exposição*, Porto, Câmara Municipal do Porto-Biblioteca Pública Municipal do Porto; Universidade de Aveiro-Centro de Línguas e Culturas, 2013, pp. 161-169.

⁶⁰ Biblioteca Nacional de España, MS. 5556, fls. 54r-v. Para uma análise minuciosa desta carta de Bartolomeu de Albornoz, cf. Virgínia Soares PEREIRA, “André de Resende e os Portugueses segundo Bartolomeu de Albornoz”, *Humanitas* 43-44 (1991-1992), pp. 91-107 (reproduz-se o excerto citado na p. 106, n. 25).

vel documentar.⁶¹ De facto, comprovou-se que o doutor Dionísio, a 22 de Julho de 1524, recebeu tença com hábito na Mesa Mestral da Ordem de Santiago,⁶² havendo um diploma posterior, de 19 de Maio de 1529, que confirma a referida tença e indica que o valor era de 17 mil reais.⁶³ A maioria destas tenças foi concedida na sequência da tomada de hábito na Ordem de Santiago, pelo que é provável que tenha sido nomeado cavaleiro em data não muito anterior. Dionísio apresenta-se, regra geral, com o título de doutor em Medicina tanto no livro como na documentação, embora não tivéssemos logrado determinar em que universidade fez os seus estudos e obteve o grau de doutor.⁶⁴

Ao referir-se à sua vinda para Portugal, Pierre Brissot afirma com ironia ter encontrado na Lusitânia um *hominem nouum*, que o distinguiu com o título de mau médico e de ignorante na contemplação da natureza.⁶⁵ Por detrás da adjectivação de *hominem* esconde-se uma alusão insidiosa que, a nosso ver, tem duas leituras: a qualificação de *hominem nouum* pode referir-se tanto à nobreza de fresca data de Dionísio, por ter recebido o título de cavaleiro da Ordem de Santiago, como à sua condição de cristão-novo.

Na verdade, Dionísio pertence a uma notável família de médi-

⁶¹ Cf. Maria Cristina Gomes PIMENTA, *As Ordens de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média: o Governo de D. Jorge*, Porto, Fundação Eng. António José de Almeida, 2001 (*Militarium Ordinum Analecta*, 5), pp. 181 e 391.

⁶² ANTT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 13, fl. 115.

⁶³ ANTT, *Ordem de Santiago*, Códice n.º 14, fls. 164v-165.

⁶⁴ Parece-nos carecer de fundamento a tentativa de identificar o doutor Dionísio «com o clérigo ou leigo de Évora ou de outra cidade ou diocese, licenciado em Medicina, cujo apelido é designado com a letra N., em súplica atendida a 24.4.1508, mediante a qual obteve indulto para receber o grau e insígnias na dita Medicina, fora das universidades, como todos os direitos e privilégios, como se o recebesse nalguma delas». Cf. *Chartularium Universitatis Portugalensis* (1530-1532), volume XIV. Lisboa, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2001, p. 16, n.º 1.

⁶⁵ Cf. P. BRISSOT, *Apologetica disceptatio*, fl. liijv (“Scilicet haec fecimus inueniremus in Lusitania hominem nouum, qui in nos inueheretur honestaretque título malí medici et naturae contemplationem ignorantis.”)

cos judeus cortesãos, cujos membros serviram, em três gerações sucessivas, monarcas de reinos europeus e sultões, exercendo clínica em sítios tão distintos como Castela, Portugal, Inglaterra, Antuérpia, Ferrara, Veneza ou Constantinopla. Sucessivamente expulsos de vários territórios, julgados e condenados à revelia pelo Tribunal do Santo Ofício, os membros desta família foram, etapa após etapa, trilhando o caminho rumo ao Império Otomano. O pai do doutor Dionísio, cujo nome se desconhece, foi médico ilustre decerto em Castela,⁶⁶ enquanto o filho, não muitos anos volvidos, desempenhou a distintíssima função de físico do rei de Portugal; Manuel Brudo, o elemento mais jovem desta linhagem, colega de Amato Lusitano, terminou os seus dias em Constantinopla, partilhando o exercício da actividade comercial com o da medicina, como físico particular e protegido de «la Serenissima Regina Madre del Gran Signore», mãe do sultão otomano Murad III (1546-1595), depois de ter exercido clínica vários anos em Inglaterra.⁶⁷

O apelido Brudo não é muito comum na Península Ibérica, embora subsistam alguns registos sobretudo em Castela. Há, porém, notícia de um judeu também chamado Manuel Brudo, no último quartel do século XV, que poderá ser um membro da família do doutor Dionísio, tanto mais que foi esse mesmo nome que este deu ao filho nascido já em Portugal, sendo a repetição de nomes de geração em geração um procedimento assaz comum entre as famílias sefarditas. Em 1485, Rabi Samuel, filho de Rabi David Samuel, serviu de fiador quando o judeu Manuel Brudo se tornou vizinho da localidade castelhana de Villalón de Campos, situada a noroeste de Valladolid, depois de ter estado estabelecido em Cáceres. Rabi

⁶⁶ A indicação de que o pai do doutor Dionísio também foi «medico apud principes Hispanorum viros praeclaro» é fornecida no tratado de Manuel BRUDO, *Liber de ratione uictus in singulis febribus secundum Hippoc. Brudo Lusitano autore ad Anglos*. Venetiis, [apud haeredes Petri Rauani et socios. Mense Aprilis], 1544, fl. aiiijv.

⁶⁷ Cf. Benjamin ARBEL, *Trading Nations: Jews and Venetians in the Early Modern Eastern Mediterranean*. Leiden, Brill, 1995, pp. 165-166.

Samuel, que também é médico, é uma personagem de grande notoriedade na alfama de Villalón, para quem foi concluído, em 1487, um manuscrito do *Cânone* de Avicena magnificamente decorado (Bibliothèque nationale de France, Hébreu 1141), na tradução hebraica de Natán ha-Me'atí.⁶⁸ Avicena é precisamente o principal autor que está no centro da polémica entre Dionísio e Brissot, que se orgulha de ter posto fim na sua prática docente à tirania que Avicena exercia sobre as faculdades de Medicina, reivindicando a liberdade da razão e da experiência contra a autoridade indiscutível de um só homem.⁶⁹

A publicação do livro do doutor Dionísio, no reinado de D. João III, coincide com o período áureo da família Rodrigues-Brudo em Portugal, uma época em que o físico régio gozava de enorme prestígio junto da corte, como se comprova pela atribuição de vários benefícios e mercês pelos serviços prestados. O facto de o livro de Dionísio ter sido dedicado a D. João III, ao contrário do de Pierre Brissot, parece indicar que o monarca português terá inclusivamente apoiado o seu físico particular na disputa com o médico

⁶⁸ Para uma análise dos escassos dados conhecidos sobre a figura deste Manuel Brudo, que não pode ser confundido com o filho do doutor Dionísio, e das poderosas redes de influência do Rabi Daniel, veja-se o trabalho de Javier CASTAÑO GONZÁLEZ – Susana del REY GRANNEL, “Judíos y redes personales en Tierra de Campos durante la segunda mitad del siglo xv: un Cuaderno de Minutas de Vecindamientos de Villalón”: *Sefarad* 69.2 (2009), pp. 374 e 376-377. Os autores deste estudo consideram que «Teniendo en cuenta los antecedentes familiares y sus vínculos con los Daniel en Villalón no sería aventurado afirmar que el Manuel Brudo vecindado en 1485 hubiera sido también un médico perteneciente a una ilustre familia». Partilhamos esta suposição e estamos em crer, inclusivamente, que se tratará de alguém da família do doutor Dionísio, porventura o próprio pai, descrito no livro de Manuel Brudo como «medico apud principes Hispanorum uiros praeclaro».

⁶⁹ P. BRISOT, *Apologetica disceptatio*, 1525, fl. liijv. (“Et summis doctorum, auditorum, oculatorumque studiis tyrannum Auicennam scholis exegimus exilioque multauimus, unde nondum postliminio rediit. Asseruimusque libertatem rationis et experientiae aduersus imperiosam unius hominis auctoritatem.”). Cf. Nancy G. SIRAISI, *Avicenna in Renaissance Italy*..., op. cit., p. 70.

francês. Calcula-se que o livro de Dionísio tenha sido publicado no intervalo compreendido entre 1525, data da publicação da *Apologetica disceptatio* de Pierre Brissot, e 1534, o último ano em que é possível comprovar documentalmente a presença do autor em Portugal.⁷⁰ Convém recordar que a tença de 12 mil reais relativa ao ano de 1534, concedida por D. João III ao doutor Dionísio, já não foi recebida pelo próprio, mas antes pelo filho, o licenciado Afonso Rodrigues, que apresentou uma pública procuração feita em Évora, em 1534, em que o pai lhe concedia plenos poderes de representação.⁷¹ A conjugação deste facto com a ausência de documentação comprovativa da presença de Dionísio em Portugal nos anos posteriores e com a observação de Amato, numa das suas primeiras *curationes*, de que aquele acabara de chegar a Antuérpia,⁷² faz-nos crer que o doutor Dionísio abandonou Portugal em meados da década de trinta.

Ora, julgamos ser este mesmo Afonso Rodrigues, filho do doutor Dionísio, o autor de uma carta publicada no final do livro do pai, dirigida a Manuel Álvares, licenciado em Medicina. Nessa carta, caracteriza-se de forma sumária a contenda entre Brissot e Dionísio, que deu origem à polémica da sangria. Apesar de se encontrar no final do livro, trata-se de um texto de enquadramento semelhante ao que António Lúcio dirigiu ao leitor no início da apologia de Brissot. Ficamos a saber como evoluiu, de facto, a situação até à publicação do livro de Dionísio, vivamente recomendado ao

⁷⁰ Note-se que, segundo a ficha bibliográfica do livro de Dionísio, a identificação do impressor (e evidentemente a datação) foi calculada «através de comparação com o parque tipográfico de Germão Galharde». O intervalo apontado (c.1530-1535) coincide no limite superior com o momento em que o autor deixou o país.

⁷¹ ANTT, *Corpo Cronológico*, Parte II, Maio 197, Documento 21. Veja-se a transcrição do documento em Sousa VITERBO, “Notícia sobre alguns médicos portugueses...”: op. cit., pp. 22-23. Segundo ficou registado, Afonso Rodrigues, filho do doutor Dionísio, levantou a procuração no dia 23 de Setembro de 1535.

⁷² AMATO LUSITANO, op. cit. (Cent. I, Curat. 2: *Curatio secunda apud Belgas habita, in qua agitatur de colici doloris curatione*).

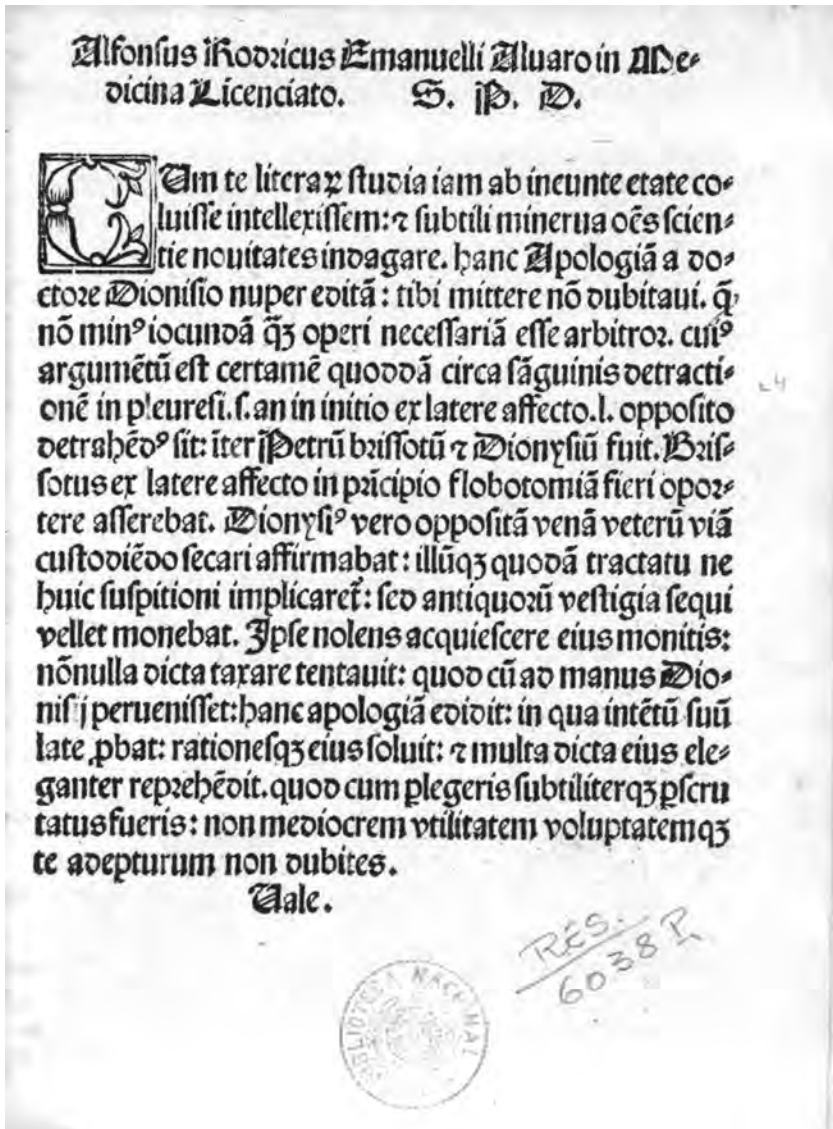


Figura 5

Carta de Afonso Rodrigues a Manuel Álvares, licenciado em Medicina, no final do livro de Dionísio, fl. 24v.

Biblioteca Nacional de Portugal (RES. 6038 P.)

destinatário da carta. Assim, nas palavras de Afonso Rodrigues, que confirmam a versão apresentada por António Lúcio, tudo começou com uma carta enviada por Dionísio a Pierre Brissot, na qual aquele manifestava a sua completa discordância com o novo método praticado na sangria na pleurisia; o médico francês reagiu a esse primeiro escrito, escrevendo a *Apologetica disceptatio*, publicada já depois da sua morte, em 1525; por fim, o doutor Dionísio, ao ter conhecimento dessa obra, na qual era o principal visado, tomou a decisão de escrever, em resposta, o livro entretanto regressado do esquecimento.

[A Apologia] tem como argumento uma certa discussão acerca da extração de sangue no flanco: a saber, se no princípio se deve tirar do lado afectado ou se do lado contrário, e que se travou entre Pedro Brissot e Dionísio. Brissot defendia que se deveria fazer no começo a flebotomia no lado afectado, e Dionísio afirmava, defendendo o método dos antigos, que se cortasse a veia do lado contrário e, em certo escrito, exortava Brissot a não aderir a esta ideia, mas optasse por seguir as pisadas dos antigos. Este, não querendo acatar os conselhos de Dionísio, censurou algumas das suas afirmações: como o escrito em que o fez chegou às mãos de Dionísio, este deu a lume a presente Apologia, na qual de sobejo demonstra o que se propõe, refuta os argumentos do outro e com elegância crítica muitas das suas afirmações.⁷³

O livro do doutor Dionísio abre com uma carta dedicatória a D. João III,⁷⁴ a quem Brissot também pretendia dedicar a sua obra, tendo início de seguida um interessante diálogo entre dois médicos, que dá o título à obra (“Dialogus circa quasdam quaestiones in medicina”). Eis o argumento que encabeça a conversa travada entre Tomás, o médico teórico, e Tesalo, o empírico:

ARGUMENTO

Dois médicos conversam um com o outro. Um deles chama-se Tomás e é médico teórico, sendo Tesalo o nome do outro, que segue a seita dos empí-

⁷³ Veja-se a edição e tradução integral da carta de Afonso Rodrigues no *Apêndice*, 2.3.

⁷⁴ Veja-se a edição e tradução integral da carta dedicatória no *Apêndice*, 2.1.

ricos. E Tomás tenta convencer Tesalo a que se aplique ao estudo da Medicina. Razão pela qual Tesalo, movido pelos argumentos de Tomás, põe certas questões relativas à medicina, às quais Tomás responde, e é com as seguintes palavras que começa por interpelar Tesalo.⁷⁵

Na verdade, o diálogo é apenas um pretexto para que Tomás, o médico teórico passe a apresentar os argumentos do autor em defesa do modo tradicional de praticar a sangria na pleurisia, em resposta directa ao ataque violento de Brissot. Excluindo a parte inicial da conversa entre os dois médicos (fls. a1v-a1jv), cuja tradução se apresenta em apêndice, no resto da obra é apenas Tomás quem faz uso da palavra em longas explicações, sendo interrompido somente em duas ocasiões por tiradas muito curtas de Tesalo: uma para dizer que apreciou bastante a argumentação original e convincente de Tomás, manifestando muito interesse em escutar atentamente o resto (fl. a7v); a outra para instar o colega a que levasse até ao fim uma exposição tão instrutiva e proveitosa (fl. a8v).

O diálogo entre Tomás e Tesalo começa com uma interessante troca de argumentos em que Tomás procura defender o valor do estudo na formação de um médico, enquanto Tesalo se apressa a demonstrar todo o contrário, já que confessa ter alcançado elevada fama, autoridade e consideração como médico sem quaisquer mestres, recorrendo tão-somente às aptidões menos recomendáveis que sempre demonstrou possuir desde criança, pois tem por certo e seguro que a inteligência e a ciência pouco contam no exercício da medicina:

Tomás – Dize-me, Tesalo, quais foram os teus mestres na arte de curar?

Tesalo – Para te confessar a verdade, não tive nenhuns, mas por mim mesmo alcancei algumas coisas, não sei se bem aprendidas ou se erroneamente conjecturadas.

Tomás – Deveras tal não me parece. Mas peço-te que me digas donde te

⁷⁵ Veja-se a edição e tradução da parte inicial do diálogo entre Tomás e Tesalo no *Apêndice*, 2.2.

proveio então tamanha fama, autoridade e consideração, pelas quais muita gente te respeita.

Tesalo – Vou contar-te a história desde o começo. Desde criança me fui azevando à astúcia, à manha, à diligência, a mil precauções e a mil modos de mercadejar e de embair, mediante os quais ganhei tão grande nomeada que no nosso tempo nestas actividades com justiça não há ninguém que me leve a dianteira. E ao ver-me prosperar nelas tanto, consagrei-me à arte de curar, na qual a inteligência e a ciência pouco contam, mas são de grande importância as manhas e cautelas, devido a muitos motivos.⁷⁶

De seguida, o médico da seita dos empíricos explica ao interlocutor em pormenor quais são as três razões que justificam, na sua opinião, a suprema importância que as manhas e cautelas têm no exercício da profissão: porque «todos os actos do médico se fundam em opiniões, e não em ciência», não distinguindo o povo o sábio do ignorante; «porque são mais os doentes que escapam do que os que sucumbem à morte, pois a natureza não só afasta a doença, como também corrige os erros dos ruins médicos»; e, por último, «porque o que sabe e o ignorante na cura dos doentes actuam quase de maneira idêntica». Atendendo a estes pressupostos, *Tesalo* retira a única conclusão óbvia:

Por consequência, nesta profissão o estudo e o aturado trabalho são de pouco proveito. Portanto, com esta artimanha obtive fama, proventos e grande número de amigos.⁷⁷

Perguntada qual é a sua opinião sobre os médicos teóricos, *Tesalo* afirma que são «mofinos, sofistas sem experiência, que não atendem aos seus interesses particulares». Ele, pelo contrário, orgulha-se de ter amigos e apaniguados sem conta na corte que tudo fazem para apregoar, por toda a parte, tanto os seus êxitos como os insucessos dos outros, granjeando com isso enorme fama e pro-

⁷⁶ Cf. *Apêndice*, 2.2.

⁷⁷ Cf. *Apêndice*, 2.2.

veito. Tomás fica deveras espantado com o descaramento do interlocutor e considera que a posição e situação excepcionais alcançadas por Tesalo ficam a dever-se, não a si próprio, mas ao destino e à influência dos astros.⁷⁸

Este diálogo surge como uma resposta às considerações pouco abonatórias que Pierre Brissot tece ao longo do livro «contra quemdam super detractatione sanguinis»,⁷⁹ acusando o adversário de ignorância não apenas em relação ao que realmente dizem sobre o tema da sangria os textos gregos originais, corrompidos e distorcidos pelos árabes, mas também em matérias fundamentais como a lógica ou a anatomia, pondo em dúvida, por exemplo, que Dionísio tenha assistido a alguma dissecação na sua vida.⁸⁰

Depois da parte inicial do diálogo, Dionísio serve-se de Tomás para explicar largamente os seus argumentos sobre a polémica questão da sangria na pleurisia, defendendo a prática adoptada tradicionalmente e rebatendo o novo método prescrito por Brissot. É natural que o autor tenha feito uso na composição deste livro, pelo menos em parte, daquilo que antes escrevera na extensa carta enviada ao médico francês. Ao longo do diálogo, Tomás discute em pormenor e rebate os argumentos postulados por Brissot, estribando-se com frequência em citações de autores gregos e árabes. A propósito do argumento da distância, por exemplo, Dionísio adopta a mesma estratégia de Brissot,⁸¹ fazendo uso de um diagrama (*banc*

⁷⁸ Infelizmente, no exemplar da BNP, o texto está truncado na passagem do fólho *aiijr* para *aijv*, perdendo-se a ligação entre a última intervenção de Tesalo no final do fl. *aiijr* e o texto que inicia de seguida o fl. *aijv*, que pertencerá, supomos nós, a Tomás. Apresenta-se em anexo a edição e tradução desta fase inicial do diálogo entre os dois médicos até à última fala de Tesalo no final do fl. *aijv*.

⁷⁹ Veja-se em particular as considerações que Brissot faz acerca das falhas na argumentação e na fundamentação de Dionísio, em razão das quais não sabe bem se o há-de incluir na categoria de *medicus empiricus* ou *rationalis* (fl. *eiv-v*).

⁸⁰ P. BRISSOT, *Apologetica disceptatio*, 1525, fl. *h7v*.

⁸¹ Veja-se o comentário ao diagrama de Brissot em Sachiko KUSUKAWA, *Picturing the Book of Nature...*, op. cit., pp. 182-183. Não obstante as dificuldades óbvias no processo de

figuram) para ilustrar a sua exposição (fl. aiiij). A grande diferença é que, ao contrário do diagrama do médico francês, agora prevê-se que o sangue possa ser colhido, dependendo das circunstâncias, a partir da veia brasílica, em qualquer um dos braços (*b* e *a*), seja no lado da afecção (*ef*), seja no lado saudável (*cd*).

Figura 6a

Diagrama do argumento da distância. Pormenor da *Apologetica disceptatio* de P. Brissot (Paris, 1525), fl. bjr. wellcome Library, London (Closed stores EPB / B 7449/B).

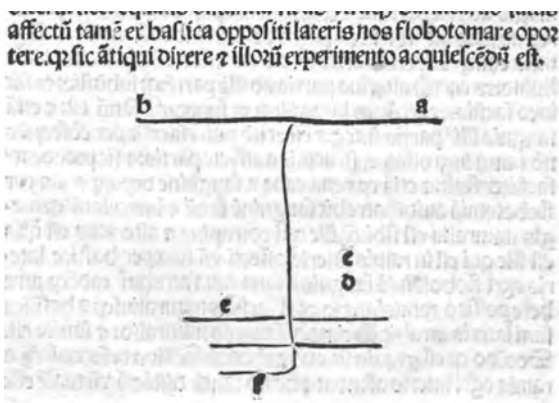
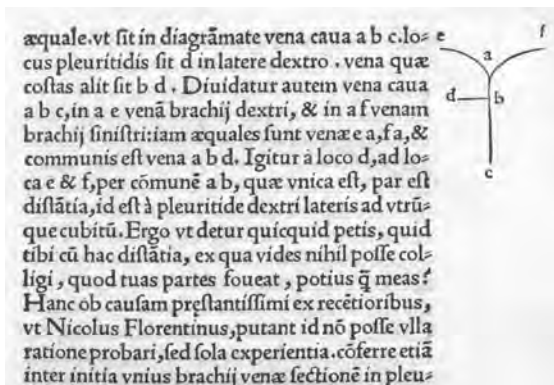


Figura 6b

Diagrama do argumento da distância. Pormenor da resposta de Dionísio a Brissot, fl. aiiij (Lisboa, c.1530-1535). Biblioteca Nacional de Portugal (RES. 6038 P).

representação das veias tentado por Brissot ou Vesalius (e também por Dionísio), esta autora considera mais adiante (p. 194) que «what is noteworthy about the physicians who wrote on bloodletting was that they deployed geometrical figures to generate universal arguments about the physical body».

No final do livro, Tomás admite que muitos médicos seus conterrâneos costumam errar no tratamento da pleuresia, porque sangram sempre do lado oposto à afecção, mesmo quando a dor permanece.⁸² Defende que deve ser prescrito aos pacientes, consoante a fase da doença e o estado de saúde, tanto o método revulsivo como o derivativo. Ainda assim, considera que é preferível errar sangrando a veia do lado afectado antes do tempo do que abrir a veia do lado oposto depois do momento oportuno. Por isso, aconselha a que, passada a fase aguda, o doente não seja sangrado do lado oposto. Em jeito de conclusão, Tomás reafirma a Tesalo que a sua posição está perfeitamente sustentada nos preceitos dos autores árabes:

Nam non semper affirmant uenam secari debere in principio lateris affecti, nec etiam lateris oppositi semper, sed medio modo eunt. Et tu hoc tramite ibis tutissimus, ut superius pluribus deduxi.

Thelos.⁸³

Na verdade, nem sempre afirmam que a veia deve ser aberta no começo do lado afectado, nem sempre do lado oposto, mas seguem um método intermédio. E tu, por este caminho, seguirás seguríssimo, como mais acima claramente demonstrei.

Fim.

Dionísio, como foi referido, abandonou Portugal em meados da década de trinta pouco antes do estabelecimento do Tribunal do Santo Ofício em Portugal. Todavia, a figura do físico de D. João III tão cedo não seria esquecida, em parte devido à fama que granjeou como médico, mas também devido aos acontecimentos terríveis em que havia de estar envolvido em Lisboa no início da década de quarenta. Por estranho que possa parecer, o livro do doutor Dionísio guarda memória viva destes acontecimentos, não obstante ter vindo

⁸² As conclusões de Tomás encontram-se nos fólhos 23^v-24.

⁸³ DIONÍSIO, *Dialogus circa quasdam quaestiones in medicina...*, op. cit, fl. 24^v.

a lume muitos anos antes da sua ocorrência. Na verdade, a folha de rosto do exemplar à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal apresenta, na metade inferior do fólho, três frases manuscritas em letra humanística do século XVI, escritas em castelhano por três mãos diferentes:

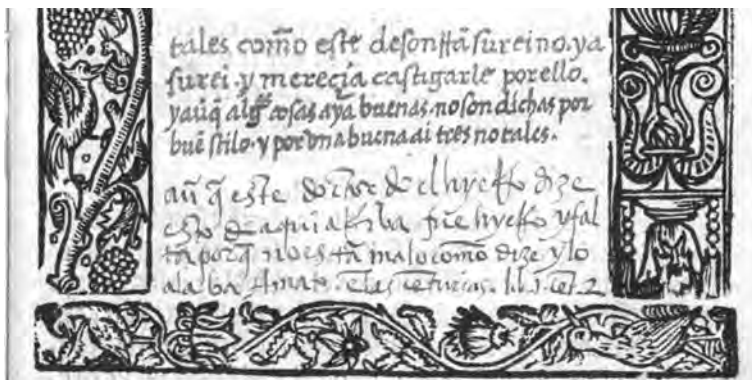


Figura 7

Notas manuscritas no frontispício do livro de Dionísio
Biblioteca Nacional de Portugal (RES. 6038 P).

tales commo este desonrran su reino. y a su rey. y mereçia castigarle por ello.

y aun que algunas cosas aya buenas. no son dichas por buen stilo. y por vna buena ai tres no tales.

aun que este doctor d' el hyero dize esto de aqui ariva fue hyero y falta por que no esta malo commo dize y lo alava Amato en las centurias liber 1 centuria 2

A terceira frase foi escrita seguramente depois de 1551, data da publicação da *editio princeps* da primeira centúria de Amato Lusitano, a cuja autoridade se recorre para julgar o mérito do autor do livro. Quanto às outras duas frases, sabe-se que foram registadas antes da terceira, tanto pelo facto de seguirem a ordem natural de escrita de

cima para baixo, como por haver um encadeamento explícito entre os três registos. Os dois últimos anotadores reagiram directamente às apreciações anteriores, mostrando a sua concordância ou discordância com o que haviam lido. No entanto, convém sublinhar que estes comentários manifestam duas vertentes bem distintas: por um lado, é o mérito científico do livro e do autor que está em causa, ou seja, a posição defendida pelo doutor Dionísio na polémica da sangria; por outro, logo à cabeça, surge a acusação muito mais grave de o autor ter desonrado o seu reino e o seu rei, de quem, aliás, era físico particular, sendo por isso merecedor de castigo. Esta crítica gravíssima apenas é referenciada pelo primeiro comentador, já que os restantes se atêm tão-só à credibilidade científica da obra e do autor; o segundo estima, de forma curiosa, em três para uma a relação das coisas más para as boas no livro, acentuando, ainda assim, que as poucas coisas boas são ditas em mau estilo; por último, o terceiro discorda em absoluto do anterior, considerando que o autor não é tão mau como dizia o anterior, sendo inclusivamente elogiado por Amato na segunda cura da primeira centúria.⁸⁴ Verifica-se que em nenhum caso as considerações sobre o livro são totalmente negativas, sendo mais favoráveis no último comentário, o que evidencia a divisão entre os médicos no que concerne às posições em confronto na polémica da sangria.

Importa questionar agora por que razão o primeiro comentador acusa o doutor Dionísio de ter desonrado Portugal e D. João III. De facto, a resposta a esta pergunta não se encontra no livro. Para a obtermos, é necessário analisar brevemente qual foi o percurso do doutor Dionísio desde a polémica com Brissot até à sua morte em Ferrara nos primeiros anos da década de quarenta.

Dionísio tomou a decisão de abandonar Portugal por volta de

⁸⁴ Cf. AMATO LUSITANO, *Curationum medicinalium centuria prima, multiplici uariaque rerum cognitione referta*. Florentiae, excudebat Laurentius Torrentinus, 1551 (Cent. I, Curat. 2: *Curatio secunda apud Belgas habita, in qua agitur de colici doloris curatione*).

1535, numa altura em que o estabelecimento da Inquisição era já uma certeza para muitos cristãos-novos, não obstante as múltiplas tentativas levadas a cabo para o impedir nas prolongadas e tortuosas negociações junto da Cúria romana desde os primeiros anos da década de 30. Rumou primeiro a Londres antes de se ter estabelecido em Antuérpia,⁸⁵ onde exerceu clínica, conforme testemunha Amato Lusitano, que assistiu uma paciente na companhia do colega recém-chegado ao empório do Escalda. O nome de Dionísio figura numa listagem dos cristãos-novos mais notáveis estabelecidos em Antuérpia por volta de 1540, sendo descrito como «El doctor dionisio medico».⁸⁶ Nesse mesmo ano, Gaspar Lopes é detido em Pavia pela polícia imperial, quando percorria o difícil caminho de Antuérpia para Ferrara. Nas declarações prestadas em 24 de dezembro de 1540, acaba por denunciar os cristãos-novos mais influentes de Lisboa, Londres e Antuérpia, acusados de judaísmo e auxílio à emigração ilegal. Entre os inúmeros nomes conta-se a referência ao doutor Dionísio, com a indicação de que este tinha a idade aproximada de 60 anos:

Item cognovit et cognoscit in Anversia doctorem Dionisium fisicum, annorum 60 vel circa.⁸⁷

Dionísio é uma das figuras gradas da Nação Portuguesa, tanto em Lisboa como em Antuérpia, sendo considerado um dos líderes

⁸⁵ A partir de documentação não identificada (relatórios das comissões estabelecidas na z clândia (1539-1540) e em Antuérpia (1543-1544), Lucien wolf afirma que o doutor Dionísio abandonou Portugal com os seus três filhos rumo a Londres, antes de se estabelecer em Antuérpia, em 1538. Cf. L. WOLF, *Essays in Jewish History*. London, Jewish Historical Society of England, 1934, p. 78.

⁸⁶ Archives Générales du Royaume, Papiers de l'Etat et de l'Audience, 1504. Veja-se a edição deste documento em A. di LEONE LEONI, *The Hebrew Portuguese Nations...*, op. cit., pp. 146-147, doc. n.º 12.

⁸⁷ Archives Générales du Royaume, Office Fiscal du Conseil de Brabant, 160/1233/2, fl. 31. Veja-se a edição integral deste documento em A. di LEONE LEONI, *The Hebrew Portuguese Nations...*, op. cit., pp. 158-165, doc. n.º 18.

espirituais da comunidade.⁸⁸ Mais tarde, os filhos desempenharam igualmente funções de grande prestígio na comunidade judaico-portuguesa: Ioseph Brudo, *alias* Fernando Lopes, foi várias vezes eleito *parnas* da Nação Portuguesa de Ancona (*Universitas Hebraeorum Portugallensium*);⁸⁹ Manuel Brudo é referenciado por volta de 1582, em Constantinopla, não só como médico mas também como rabino, sendo autor de um curioso e anónimo tratado de gerontologia (traduzido provavelmente para turco de outra língua) e de uma obra perdida sobre o amor de Deus (*Maḥabbat Allāh*).⁹⁰

Nos últimos anos da década de 30, Hércules II, duque de Ferrara, idealizou um plano estratégico de desenvolvimento económico para a cidade de Ferrara, desejando fazer dela uma praça comercial de primeira grandeza. Nesse sentido, procurou atrair os cristãos-novos portugueses estabelecidos no norte da Europa, sobretudo na praça de Antuérpia. Gerolamo Maretta, em representação do duque, desloca-se várias vezes a Antuérpia, mantendo contactos intensos com a comunidade judaico-portuguesa, a quem afiançava que o duque estava disposto a acolhê-los, de bom grado, na cidade de Ferrara. O próprio Maretta, em missiva dirigida ao duque de Ferrara (Antuérpia, 22 de Abril de 1539), refere que Dionísio e Henrique

⁸⁸ A. di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara...*, op. cit., p. 304.

⁸⁹ Cf. A. di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara...*, op. cit., p. 308.

⁹⁰ A identificação inequívoca de Manuel Brudo, filho do doutor Dionísio, como autor de um tratado manuscrito composto por um médico judeu no Império Otomano ficou a dever-se a Uriel HEYD, «An Unkwnown Turkish Treatise by a Jewish Physician under Süleymān the Magnificent»: *Eretz-Israel* 7 (1964), pp. *48-*53 (L. A. Mayer Memorial Volume). Não é nosso objectivo neste momento aprofundar o estudo da vida e obra de Manuel Brudo, mas é evidente, pelo confronto de várias fontes, que o filho do doutor Dionísio ainda estava vivo na década de oitenta, embora Heyd o considerasse muito improvável nas suas conclusões: «It would after all be amazing if a medical scholar of renown such as Brudo had lived more than thirty years in Turkey without any information being found in Jewish and other sources on this activities there.» (p. 53*).

Pires,⁹¹ o tio de Amato Lusitano, agem na qualidade de representantes máximos da Nação Portuguesa:

Sono qui due che fanno chapo di tutta la natione. Uno è messer Dionisio al quale tutta la Natione a ordinato che scriva la lettera, l'altro è messer Anrich Piris che medesimamente vuole che chonosciate chon una sua qui alleghata. Il messer Dionisi a digià messo parte di sua robba ad viaggio, il restante fra 8 in 10 giorni et mandarà dua sua figlioli. Lui ha paura.⁹²

Tanto Dionísio como Henrique Pires enviam cartas ao Duque, conforme assinala Mareta no seu relato circunstanciado dos acontecimentos. Infelizmente, apenas se encontrou, até ao presente, a carta solene do «Doctor Dionysius medicus Hispanus», redigida em latim, manifestando, em nome da comunidade, o reconhecimento pelo convite endereçado por Hércules II.⁹³ Dionísio, segundo relata Mareta, já havia enviado parte dos seus bens para Ferrara, tendo intenção de fazer seguir os restantes dentro de poucos dias na companhia de familiares. Dionísio, porém, temia os múltiplos perigos que encerrava a viagem até à Península Itálica. Ainda assim, tomou a decisão de viajar para Ferrara, decerto através do caminho francês, com um salvo-conduto do rei de França, providenciado pelo cardeal Hipólito de Este, irmão de Hércules II.⁹⁴ É provável que

⁹¹ Sobre a acção determinante desta figura destacada da Nação Portuguesa, cf. A. M. L. ANDRADE, 'PIRES, Henrique': *Dizionario storico dell'Inquisizione*, diretto da Adriano Prosperi con la collaborazione di Vincenzo Lavenia e John Tedeschi. Pisa, Edizioni della Normale, 2010, vol. III, p. 1225.

⁹² Archivio di Stato di Modena, CD, Archivi per materie, Medici e Medicine, b. 5. Cf. A. di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara...*, op. cit., pp. 85-87; 665, documento 133 (carta de Gerolamo Mareta ao duque - Antuérpia, 22 de Abril de 1539).

⁹³ Archivio di Stato di Modena, CD, Archivi per materie, Medici e Medicine, b. 5. Veja-se a reprodução e transcrição desta carta em A. di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara...*, op. cit., pp. 664-665, documento 132 (carta de Dionísio ao duque, Antuérpia, Abril de 1539).

⁹⁴ Percebe-se pelo relato circunstanciado de Gerolamo Mareta que Beatriz de Luna tinha grande consideração e respeito pelo doutor Dionísio, tendo ficado muito desalentada com a partida iminente do seu médico, a quem não podia acompanhar na viagem para

antes de ter seguido para Ferrara tenha viajado primeiro para Londres, onde o filho Manuel Rodrigues, *alias* Manuel Brudo, exerceu clínica alguns anos, publicando mais tarde em Veneza um notável tratado de dietética, no qual se apelida orgulhosamente «Brudi Lusitani Dionysii medici filii». ⁹⁵

Nestes anos, a figura do doutor Dionísio não fora esquecida em Portugal, onde é provável que tenha permanecido o filho Afonso Rodrigues, de cujo nome não se encontra registo na diáspora. A verdade é que o Tribunal do Santo Ofício de Lisboa abriu um processo contra o antigo físico de D. João III e de D. Catarina, acusado de prática de judaísmo. O processo não foi encontrado até ao momento, mas sabe-se que o doutor Dionísio foi queimado em estátua no segundo auto-de-fé realizado em Lisboa, em 1541, tendo sido decretado o confisco da sua fazenda. Este terá sido, a nosso ver, o motivo da desonra e da necessidade de castigo invocado pelo autor da primeira frase manuscrita no livro de Dionísio, ou seja, «tales commo este desonrran su reino. y a su rey. y mereçia castigarle por ello». Apesar de não ter subsistido na documentação portuguesa registo dos sentenciados nos primeiros autos-de-fé, temos conhecimento que o nome de Dionísio figura num rol (em português e tradução francesa) que se encontra à guarda dos Archives générales du Royaume, em Bruxelas. ⁹⁶ Eis a descrição correspondente ao doutor

Ferrara porquanto não havia chegado o seu salvo-conduto. Cf. A. di LEONE LEONI, “La diplomazia estensi e l’immigrazione dei cristiani nuovi a Ferrara al tempo di Ercole II”: *Nuova Rivista Storica* 78 (1994), pp. 306-308; IDEM, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara...*, op. cit., p. 668, documento 138 (carta de Gerolamo Maretta a Hércules II – 24 de Maio de 1539).

⁹⁵ Manuel BRUDO, *Liber de ratione victus in singulis febribus secundum Hippoc. Brudo Lusitano autore ad Anglos*. Venetiis, [apud haeredes Petri Rauani et socios. Mense Aprilis], 1544. Este tratado foi publicado pouco depois da morte do doutor Dionísio, em memória de quem Manuel Brudo compôs um pequeno diálogo bastante sentido, em que os interlocutores são pai e filho (“Dionysius medicus et Brudo eius filius interlocutores”, fls. aijv-aiij).

⁹⁶ Cf. H. P. SALOMON - A. di LEONE LEONI, “Mendes, Benveniste, De Luna, Nasci: the State of the Art”: *The Jewish Quarterly Review* 88, n.º 3-4 (1998), pp. 153-154, nota 48. Agradecemos penhoradamente ao Prof. Herman Prins Salomon por nos ter amavelmente

Dionísio, cujo nome encabeça o rol daqueles que foram sentenciados em efígie:

Os que foram entregues em estatuas.

Sensuivent les noms et surnoms de ceulx qui sont bruslez en estatues ou figures pour ce quilz estoient enfuys et ne venoyent a leur deffense.

Doutor Dionisio. Depois de perdão. Por guardar aos sabados e judaizar e fazer aos seus que trabalhasem ao domingo e jejuar em sua Lei. Remetido a justiças seculares. Confiscada sua fazemda.

Le docteur Dionizio. Depuis de pardon. Pour garder les samediz et la Loi des Juifz et faire aux siens esclaves ou serviteurs quilz ttravailleroient les dimanches et jusner a sa Loi. Remis et livre aux justices seculiers, Ses biens confisquez.

A sentença e o castigo do doutor Dionísio, ainda que à revelia, tiveram ecos fortíssimos tanto em Portugal como em Antuérpia, dada a enorme notoriedade do réu. Pouco depois do terceiro auto-de-fé na Ribeira, em Lisboa, em Novembro de 1542, João de Barros compunha o seu tratado de apologética antijudaica intitulado *Diálogo Evangélico sobre os Artigos da Fé contra o Talmud dos Judeus*, onde revela, de alguma forma, ser partidário da via do diálogo com os cristãos-novos, em detrimento da via da repressão que ganhava cada vez mais força. Ora, neste diálogo travado entre o Evangelho e o Talmud, não é sem razão que o Evangelho considera «o doutor Dionisio medico» como um dos quatro sentenciados mais notáveis nos três primeiros autos-de-fé realizados até então na capital do Reino:

cedido o excerto aqui reproduzido do documento intitulado «Exécution et justice des nouveaux chrestiens faits en Lisbonne, le 8e [23] jour doctobre 1541, laquelle contient les noms et surnoms des executez avecq leurs meffaiz translate du langage portugaeiz en franchois», cuja edição e estudo pormenorizado aguardamos com expectativa.

Evangelho – Em três autos *que* te ora em Lisboa são feitos, entre muitos julgados, quatro foram ali notáveis: hão se chamava o doutor Dionísio medico, e outro mestre Graviel.⁹⁷

Mais adiante, em resposta às dúvidas do Talmud, o Evangelho explica que o doutor Dionísio e mestre Gabriel teriam tido a mesma sorte dos outros dois relaxados em carne antes nomeados – o alfaiate Luís Dias e o médico Francisco Mendes –, se porventura houvessem sido detidos, «mas porque se ausentaram, em lugar de suas pessoas foram queimadas suas estatuas»:

Talmud – [...] E os outros dous padeceram tambem?

Evangelho – Quaes?

Talmud – O doutor Dionisio e mestre Graviel.

Evangelho – Se elles foram tomados, tambem ouveram a pena conforme a suas culpas, quando se a mim queram converter; mas porque se ausentaram, em lugar de suas pessoas foram queimadas suas estatuas.⁹⁸

A notícia de que Dionísio havia sido queimado em efígie num auto-de-fé celebrado em Lisboa chegou a Antuérpia, se não antes, pelo menos em 1544.⁹⁹ A polícia imperial abriu um inquérito anos mais tarde contra os cristãos-novos de Antuérpia, sem que tenha logrado, todavia, processar o doutor Dionísio, «perchè, secondo una difusa diceria, nel frattempo il dottore era morto a Ferrara».¹⁰⁰

Curiosamente, Ferrara foi o lugar em que se terão encontrado, no início da década de quarenta do século XVI, os dois médicos que foram protagonistas na polémica da sangria, António Lúcio, discípulo e editor do livro de Pierre Brissot, e o próprio Dionísio.

⁹⁷ João de BARROS, *Diálogo Evangélico sobre os Artigos da Fé contra o Talmud dos Judeus*. Manuscrito inédito de João de Barros. Introdução e notas de I. S. Révah. Lisboa, Livraria Studium, 1950, p. 5. Sobre os condenados mais notáveis nesta primeira fase da actividade inquisitorial, cf. I. S. RÉVAH, “Les Marranes portugais et l’Inquisition au XVI^e siècle”: in R. D. BARNETT (ed.), *The Sephardi Heritage; Essays on the History and Cultural Contribution of the Jews of Spain and Portugal*. Volume I. New York, Ktav Publishing House, 1971, pp. 504-506.

⁹⁸ João de BARROS, op. cit., p. 6.

⁹⁹ Cf. I. S. RÉVAH, op. cit., p. 505.

¹⁰⁰ Cf. A. di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara...*, op. cit., pp. 306-307. A família do doutor Dionísio estabeleceu-se a partir de 1539 sobretudo na cidade de Ancona.

E também em meados de 1540 que Amato Lusitano chega a Ferrara na sequência da deslocação da família Pires-Cohen de Antuérpia para os domínios de Hércules II.¹⁰¹ No ano seguinte, o médico albicastrense, a quem se deve um dos testemunhos mais fidedignos sobre o episódio da polémica da sangria, inicia funções como professor de *medicina teorica* no Estudo de Ferrara.¹⁰²

Confluem para Ferrara, por razões muito diversas, os protagonistas da polémica da sangria, num tempo e num espaço, uma das mais ilustres escolas de medicina da Europa, em que a posição de Pierre Brissot granjeava cada vez mais adeptos entre a comunidade científica. Foi precisamente no Estudo de Ferrara que luziu a figura excepcional de Nicolò Leoniceno, que aos 94 anos, pouco antes de falecer em 1524, ainda trabalhava afincadamente na tradução das obras de Galeno a partir da sua magnífica biblioteca.¹⁰³ Giovanni Manardo, apoiante declarado de Brissot, e Antonio Brasavola são os discípulos do velho mestre, que se cruzam no ducado de Este com António Lúcio e Amato Lusitano, norteados pelo mesmo espírito humanista.

O doutor Dionísio, porém, é herdeiro de um saber e de uma experiência firmada na tradição da medicina arábico-latina, que não enjeita, evidentemente, os ensinamentos dos autores gregos nem será merecedora porventura do desprezo absoluto a que foi votada pelo adversário. A polémica entre Brissot e Dionísio parece ter raízes mais fundas no confronto e na rivalidade gerada entre estes dois homens do que propriamente na sustentação científica que é esgrimida. Nos anos 30, as posições extremaram-se mais ainda e

¹⁰¹ Cf. A. di LEONE LEONI, *La Nazione Ebraica Spagnola e Portoghese di Ferrara...*, op. cit., pp. 160-161 e 703-704, doc. 200; A. M. L. ANDRADE, *O Cato Minor de Diogo Pires...*, op. cit., pp. 100-101.

¹⁰² Cf. A. FRANCESCHINI, "Nuovi documenti relativi ai docenti dello Studio di Ferrara nel sec. XVI": *Atti e Memorie della Deputazione Provinciale Ferrarese di Storia Patria, Serie Monumenti*, 6 (1970), pp. 44 e 236.

¹⁰³ Cf. Daniela Mugnai CARRARA, *La biblioteca di Nicolò Leoniceno. Tra Aristotele e Galeno: cultura e libri di un medico umanista*. Firenze, Leo S. Olschki Editore, 1991.

entraram na contenda nomes maiores da medicina europeia de uma e de outra parte: ao lado de Brissot, Giovanni Manardo, Matteo Corti, Leonhart Fuchs, Andreas Vesalius,¹⁰⁴ ao lado de Dionísio, Jérémie de Dryvere, Andrea Thurini, Benedetto Vettori.¹⁰⁵

Em 1539, Nicolás Monardes entrava também na polémica da sangria, que havia incendiado os meios científicos europeus, com a publicação da obra *De secanda uena in pleuriti inter Arabes et Graecos concordia*.¹⁰⁶ Ao contrário do que se esperaria, não se trata de mais um livro em defesa de uma das partes, semelhante aos muitos que haviam sido e haveriam ainda de ser publicados sobre o tema.¹⁰⁷ O livro procura antes alcançar a concórdia entre as facções em conflito, apresentando claramente os argumentos de cada um dos lados. O médico sevilhano dá à sua obra a forma de um diálogo, escolhendo como interlocutores dois médicos chamados *Dionysius*, não por acaso, e *Hieronymus*. Travam ambos um longo colóquio em que apresentam e discutem, pausadamente, as posições propugnadas por cada uma das facções em disputa. Monardes conhecia o livro de Dionísio, a quem presta homenagem, de algum modo, ao atribuir

¹⁰⁴ Sobre o posicionamento de Vesalius na controvérsia, nomeadamente através da famosa carta sobre a sangria que publicou em 1539, cf. J. B. SAUNDERS - C. D. O'MALLEY, op. cit.; S. KUSUKAWA, *Picturing the Book of Nature...*, op. cit., pp. 184-197.

¹⁰⁵ Uma relação exaustiva dos autores que trataram o tema desde Pierre Brissot até 1622 foi feita por R. MOREAU, *De missione sanguinis in pleuritide...*, op. cit., pp. 21-84. Sobre os apoiantes das duas partes em confronto na polémica da sangria, veja-se também J. B. SAUNDERS - C. D. O'MALLEY, op. cit., pp. 15-21; Josef BAUER, *Geschichte der Aderlässe*. Munich, werner Fritsch, 1966, pp. 124-145; S. KUSUKAWA, *Picturing the Book of Nature...*, op. cit., pp. 183-184.

¹⁰⁶ Nicolás Bautista MONARDES, *De secanda uena in pleuriti inter Graecos et Arabes concordia. Item eiusdem de rosa et partibus eius* [...]. Antuerpiae, apud Ioan. Richardum, [1551]. Usámos a segunda edição desta obra, que foi publicada pela primeira vez em Sevilha, nos prelos de Domenico de Robertis, em 1539.

¹⁰⁷ Ainda assim é evidente a simpatia de Nicolás Monardes pelos árabes, sendo mais tarde criticado pelas suas posições tradicionais pelo médico espanhol Francisco Bravo, no segundo livro de *Opera medicinalia*, publicado no México em 1570. Cf. FRANCISCO BRAVO, op. cit., pp. 62-81 (capítulos 4 a 7).

o nome do colega a uma das personagens do colóquio.¹⁰⁸ A certa altura, para não aborrecer o interlocutor com mais delongas, *Dionysius* aconselha-o a ler os autores principais em que se fundamentam os argumentos dos Arabistas, começando precisamente por referir à cabeça o «*Dionysium medicum Lusitanum*»:

Dionysius: [...] Et ne molestus sum, lege *Dionysium medicum Lusitanum*, et *Hieremiam medicum Germanum*, et *Dominicum a Melgútia medicum Romanum* et *Andream Turinum medicum Pisciensem*, qui aduersus *Curtius* scripsit, ubi ualidissimas rationes et autoritates non spernendas pro parte Arabum inuenies.¹⁰⁹

Antes disso, coubera também a *Dionysius* expor os argumentos dos Gregos, aconselhando *Hieronimus*, da mesma forma, a compulсар os autores principais, entre os quais Brissot tem naturalmente a primazia: «sed lege *Brissotum*, *Leonardum Fuchsium*, *Manardum*, *Curtium* et *Campegium*, qui in hoc negotio defensando partem *Graecorum* non parum temporis consumpserunt et alios uiros doctissimos».¹¹⁰

Monardes demonstra ser um conhecedor privilegiado da polémica da sangria, que havia aflorado poucos anos antes no seu primeiro livro, mas mantém uma atitude equidistante em relação às partes em disputa, tanto mais que são os interlocutores que se travam de razões no decorrer do diálogo. No entanto, o autor não se exime a apresentar com clareza a sua opinião sobre o tema na carta introdutória dirigida aos leitores e, em particular, aos médicos de Sevilha. No fundo, como evidenciam as palavras do médico sevillhano, tudo se resume em saber qual é a resposta à questão mais controversa nas universidades espanholas: se na pleurisia, ou dor de

¹⁰⁸ Baseado apenas no testemunho de Nicolás Monardes, Diogo Barbosa MACHADO alude à existência do livro de Dionísio em *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica*. Tomo I. Lisboa Occidental, na oficina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741, p. 704.

¹⁰⁹ Nicolás B. MONARDES, op. cit., fls. b7v-8.

¹¹⁰ Nicolás B. MONARDES, op. cit., fl. b6r-v.

costas, a flebotomia deve ser feita logo no começo do lado contrário ou do mesmo lado da dor.

A resposta de Nicolás Monardes a esta questão magna, que concentra em si o cerne da dissensão entre helenistas e arabistas, é surpreendente e reveladora do espírito conciliador entre as partes que norteia o diálogo entre *Dionysius* e *Hieronymus*. Concluímos, por isso, este trabalho com a resposta do médico sevilhano, em 1539, à mesma pergunta a que cerca de vinte anos antes também procuraram responder Brissot e Dionísio:

Quaestionem sane ut a plurimis tentatam, ita a neminem (quod sciam) hactenus solutam.¹¹¹

É, de facto, uma questão por muitos debatida, mas por ninguém, que eu saiba, até ao momento resolvida.

¹¹¹ Nicolás B. MONARDES, op. cit., fl. aij: «Video, uiri eminentissime, quaestionem adhuc esse in publicis Hispaniae scholis, quas Vniuersitates appellamus, nec satis conuenire inter eos, qui primas ibi tenent in medicina, an in pleuriti, seu costarum dolore, sit phlebotomia facienda in ipso statim doloris aduentu, a latere contrario, an ab eodem latere? Quaestionem sane ut a plurimis tentatam, ita a neminem (quod sciam) hactenus solutam.»

APÊNDICE

**Transcrição dos originais latinos, tradução e notas
de Antônio Guimarães Pinto, professor da Universidade Federal
do Amazonas (Manaus, Brasil)**

1. O LIVRO DE PIERRE BRISSOT

PETRI BRISSOTI, DOCTORIS PARIISIENSIS MEDICI PHILOSOPHIQUE PRAESTANTISSIMI, APOLOGETICA DISCEPTATIO, QVA DOCETVR PER QVAE LOCA SANGVIS MITTI DEBEAT IN VISCERVM INFLAMMATIONIBVS, PRAESERTIM IN PLEVRI-TIDE. PARIISIIS. EX OFFICINA SIMONIS COLINAEI. MDXXV.

DE PEDRO BRISSOT, DOUTOR PELA UNIVERSIDADE DE PARIS, MUI EMINENTE MÉDICO E FILÓSOFO, REFUTAÇÃO APOLOGÉTICA, COM A QUAL SE ENSINA QUAIS OS LUGARES POR ONDE DEVE FAZER-SE SAIR O SANGUE NAS INFLAMAÇÕES DAS VÍSCERAS, SOBRETUDO NA PLEURISIA. EM PARIS, NAS OFICINAS DE SIMÃO COLINUS. 1525.

1.1 Dedicatória de Antônio Lúcio ao cardeal-infante D. Afonso

[Aij] Serenissimo sacratissimoque principi Alfonso, cardinali Lusitaniae, Antonius Luceus, Eborensis, perpetuam felicitatem exoptat

Scio non defuturos quamplures qui prima fronte temeritati hoc ascribent quod iuuenis ego, et nullius paene nominis, ausus fuerim tibi, principi praesulique illustrissimo, munusculum hoc offerre, nec meum quidem nec tuis aptum studiis. Quos omnes (uelint nolint) boni hoc consulere oportebit modo intellexerint quantum tibi non solum pater meus (domesticus tuus), uerum et ipse ego debeam. Nam, cum tu ob singularem tibi que peculiarem magnanimitatem, dum felices adhuc pueritiae annos ageres,

me munere amplissimo donari iusseris patremque meum (ut interim ingentem annuam mercedem sileam) quotidianis beneficiis ornes, augeas beatumque reddas, merito ambo ingratitude criminis accusaremur nisi totis neruis perpetuoque niteremur aliquid moliri quod tuae celsitudini gratum fore speraremus: id quod et reliqui omnes qui te nouere, uel ex ingenti spe quam ab ineunte aetate de te conceperunt, gloria tantum splendoreque nominis tui allecti, assequi concupiunt.

Igitur, cum non igno- [v^o] rarem patrem meum tunc sibi maxime placere cum quidquam fecit aut excogitauit quod ex animo tuo futurum speraret, ego, ne ab ipsius optimo et instituto et praecepto discederem, cogitavi diu mecum quidnam esset quod tuae altitudini ex hoc bonarum litterarum imperio¹¹² offerre possem, quod et tanto principi deberetur et tenuium uirium mearum facultatem minime excelleret. Cumque nihil in praesentia huiusmodi haberem quod ex incude (ut aiunt) mea proficisceretur, curauit ut, in communem omnium salutem tibi dicata, exiret in lucem Apologetica haec Disceptatio Petri Brissoti, medici philosophique clarissimi ac “supra omnem ingenii aleam positi”, quam ipse perfectiorem limatioremque inuictissimo regi nostro Ioanni, fratri tuo, dedicare statuerat, nisi nobis fato immaturaque morte ereptus fuisset.

Hoc igitur qualecumque munus quod tuae altitudini mittere non sum ueritus, princeps atque praesul serenissime, suscipere dignaberis ea fronte atque animo quo ferunt Alexandrum Magnum aquam a manibus cuiusdam oblatam suscepisse, quem te non solum animi magnitudine et prospero rerum successu aequaturum, uerum et facile superaturum speramus. Quare Deum Optimum Maximum precor ut te nobis diu superstitem seruet.

Vale, Romanae Ecclesiae ornamentum.

Ex Lutetia Parisiorum, Kalendis Iunii anno christianae Salutis MDXXV.

¹¹² *imperio* in editione principe.

[Aij] O eborense António Lúcio deseja eterna ventura ao sereníssimo e eminentíssimo infante D. Afonso, cardeal de Portugal

Não ignoro que não hão-de faltar muitas pessoas que ao primeiro relance irão considerar como atrevimento o facto de que um jovem como eu, e a bem dizer privado de nome, tenha tido a ousadia de oferecer este humilde presente a alguém como V. A., ilustríssimo infante e prelado, e presente nem sequer da minha autoria nem ajustado ao teor dos vossos interesses. A todas estas pessoas convirá aprovarem esta resolução, de bom ou mau talante, logo que souberem o quanto vos devemos, não apenas o meu pai (servidor da vossa casa), como igualmente eu mesmo. É que, uma vez que V. A., devido à extraordinária grandeza de alma que é vosso timbre, quando ainda não transpôs os ditosos anos da primeira mocidade, ordenou gratificar-me com um presente avultadíssimo, e todos os dias (para não me referir à enorme mercê de cada ano), com os vossos favores, honra, acrescenta e torna feliz o meu pai, ambos com razão seríamos acusados do crime de ingratidão se com todo o empenho e incessantemente não nos esforçássemos por preparar alguma coisa que nos desse a esperança de que haveria de ser do agrado de V. A.: algo que também todos os demais que vos conhecem, ou pela imensa expectativa que conceberam em relação a vós desde a vossa mais tenra idade, atraídos somente pela glória e esplendor do vosso nome, vivamente desejam conseguir.

Por conseguinte, como eu não ignorava [v^o] que o meu pai sentia o máximo prazer quando fazia ou pensava alguma coisa que tinha esperança que haveria de ser do vosso aprazimento, eu, para não me apartar do que era não só o seu costume, mas também o seu preceito (ambos excelentes), cuidei durante muito tempo comigo mesmo sobre que coisa haveria, neste domínio das humanidades, que eu pudesse ofertar a V. A. e que, por um lado, fosse apropriado a um tão grande príncipe e, por outro, não excedesse a capacidade das minhas fracas forças. E porque de momento eu não tinha nada deste género que tivesse surdido da minha forja (como é de uso dizer-se), empenhei-me em dar à publicidade, para proveito comum de todos e a vós dedicada, esta Refutação apologética de Pedro Brissot, médico e filósofo mui ilustre e génio que ultrapassa toda a medida, obra essa que, mais aperfeiçoada e acepilhada, ele tinha decidido

dedicar ao nosso invictíssimo rei D. João, vosso irmão, se a nós não tivesse sido arrebatado pelo destino e uma morte precoce.

Por conseguinte, a este presente, seja qual for o seu valor, que não hesitei em enviar a V. A., sereníssimo infante e eminentíssimo prelado, dignar-vos-eis recebê-lo com a mesma catadura e disposição de ânimo com que se conta que Alexandre o Grande recebeu a água oferecida pelas mãos de certo homem, herói a quem esperamos que vós não apenas haveis de igualar em grandeza de ânimo e prosperidade, mas também facilmente vos vantajareis. Motivo pelo qual rogo a Deus o ótimo Máximo que vos conserve para nós durante muito tempo.

Ficai bem, ó lustre da Igreja Romana.

De Paris, 1º de Julho do ano da Salvação cristã de 1525

1.2 Palavras de António Lúcio ao leitor

[aiij] Antonius Luceus, Lusitanus Eborensis, lectori s.

Ne quid te inturbet, candide lector, noua subinde orationis facies, res ipsa a tali quodam est inducta exordio. Agebat peregre apud nostrates Petrus Brissus, sollertissimus naturae indagator, eo forte tempore quo cum alia morborum genera plurima, tum uero maxime pleuritis, gentem nostram sic male haberet. Hic ad Brissotum (ut ad nouos fere et aduenas assolet) agminatim; is, ita ut ab Hippocrate et Galeno didicerat, et iam ante re ipsa doctus cognouerat, quotiens usus ueniebat, phlebotomen in brachio lateris affecti praecepit, ut docte ita et feliciter. Nouum hoc curationis genus animaduertens quidam magni apud nostrates nominis medicus, qui quod non didicisset satis consultum ratus, hominem suae inscitiae admonere statuit. Epistolam igitur, quae uel mediocre uolumen aequaret, ad Brissotum mittit, qua illum dehortatur ne temere, cum magno aegrotantium periculo, sibi uni nimis fidat. Quotquot ante eum medicinam sunt professi in parte laboranti aduersa sanguinis missionem consuluisse, idque adeo Auicenna praecipue, Hippocrate, Galeno ac omni antiquitate, nedum experientia magistra, peruincere [vº] pertinaciter contendit. Contra sentit Brissotus, duobusque ultimis auctoribus quod sentit persuadet, ac uelut hostem suo gladio conficit.

Primum autem aduersarii sententiam, ex epistola illa apologetica uerbatim descriptam, suis rationibus praescribit. Hanc ipse mox, qualis sit, expendit ad amussim exigit atque conuellit. Sic prorsus u team constare non posse, ipse sis iudicaturus, quisquis non alieno in auctorem animo lector es futures. Sed, quo commodius disputatio ipsa explicetur, ex aduersarii ascriptis uerbis ita nascetur exordium.

[aiij] O português de Évora António Lúcio deseja saúde ao leitor

Prezado leitor, para que não te cause espanto em seguida o inusitado teor de linguagem, foi a seguinte a origem deste assunto. Como forasteiro percorria o meu país Pedro Brissot, o mais perspicaz dos esquadrinhadores da natureza, adregando de o fazer numa época em que, não apenas outras castas de moléstias, mas sobretudo a pleurisia atacava assaz os meus compatriotas. Nesta conjuntura, acodem em chusma a Brissot em busca de saúde (como ordinariamente costuma acontecer com recém-chegados e estrangeiros); ele, consoante tinha aprendido com Hipócrates e Galeno, e já anteriormente soubera ensinado pela própria experiência, sempre que era necessário, prescreveu, sabiamente e com bons resultados, uma sangria no braço correspondente à ilharga afectada. Ao ter conhecimento desta nova espécie de tratamento, certo médico de grande nomeada entre os meus compatriotas, que pensou que era de sobejo sabido algo que não tinha aprendido, decidiu advertir o nosso homem da sua ignorância. Por consequência, envia a Brissot uma carta, que até iguala as dimensões de um livro de tamanho médio, na qual exorta este a, de modo considerado, não ter excessiva confiança unicamente em si mesmo, com grande perigo para os doentes. Obstinadamente se esforça por convencer que todos os que antes dele professaram a medicina aconselharam que se fizesse a sangria no lado contrário ao afectado, e isto fundando-se até sobretudo em Avicena, e em Hipócrates, Galeno e toda a antiguidade, para já não falar na mestra experiência. [vº] Brissot pensa o contrário, e comprova a sua opinião com estes dois últimos autores, e como que trespassa o inimigo com a sua própria espada.

Ora, em primeiro lugar, escreve no princípio, com os seus argumentos, a opinião do adversário, transcrita literalmente daquela carta apologé-

tica. Em seguida, aprecia o teor desta e com todo o rigor a examina e reduz a nada. Destarte, que ela de forma alguma pode manter-se em pé, é algo que tu mesmo hás-de julgar, quem quer que sejas tu que venhas a ler, isento de sentimentos hostis contra o autor. Mas, para que a própria discussão se desenvolva de modo mais adequado, tomará o seu começo a partir das palavras trasladadas do adversário.

1.3 Carta de abertura de Pierre Brissot dirigida a Dionísio

[aiiij] APOLOGIA PETRI BRISSOTI MEDICI CONTRA QVEM-DAM SVPER DETRACTIONE SANGVINIS

Nil arbitraris inconsultius, egregie doctor, quam in medicina, quae ad salutem hominum tuendam reperta fuit, a uia communi, praesertim ratione et experimento fulta, secedere. Ergo, nil arbitrare in medicina inconsultius quam Auicennam et alios Arabes, qui a uia ueteribus communi, praesertim ratione et quotidiano experimento Hippocratis et Galeni, ut ipsi testantur, fulta, recesserunt. Ego contra nil arbitror inconsultius, nil erudito et bono uiro minus dignum, quam inconditae multitudinis opinionem, hominum saluti perniciosam, nulla experientia, sed leui tantum suspicione nixam, sequi, contra salutarem doctissimorum expertissimorumque et antiquissimorum medicorum sententiam, euidentem rationem et experientiam: praesertim quam a praeceptoribus, usu confirmatam, per manus acceperis, et frequenter feliciterque usurpaueris, aegris celeriter liberatis a grauiore aegritudine quam qua alii laborantes et diuersa ratione curati plerique interierunt, pauci, uiribus exhaustis, totiens, [vº] detracto sanguine, uix tandem trigesimo die aut tardius euaserunt; prioribus, septimo die, aut antea, fere omnibus liberatis, interdum illico post detractum sanguinem, idque non raro, sed frequentius tertio aut quinto die.

Nam, cum in aliis artibus, quae in solam contemplationem referuntur, turpe sit uel inanis gloriae studio, uel metu famae ueritatem uiolare, adeo ut summi uiri interdum non solum praeceptorum dicta reprehenderint, sed ipsi palinodiam cecinerint, plus ueritati quam uel sibi uel amicitiae deferentes, id certe in medicina flagitiosum erit, in qua agendorum occa-

sio, praeceps angustissimaque est, ob materiae quam tractat nobilitatem atque luxum, adeo ut ille dextre agere censeatur qui, naufragiis aliorum edoctus, a Scylla et Carybdi quam longissime effugit. Neque enim, sicuti in lignis et coriis, si male tractando deflueris, leuis iactura est, sic in homine, cum mala experientia ad totius animalis interitum terminetur.

Ergo, colende doctor, te oratum uelim (si quis adhuc est consilio locus, quod nescio an sperare debeam) ne te hac suspicione inuoluas ut uel meliora ignores, uel sponte sequaris deteriora, id Maronis imitatus: “Tunc cede malis, sed contra audentior ito.” “Hoc uirtutis opus.” Neque te moueat rudis usus, a ratione alienus et communi errore introductus, ne, dum multitudini placere studes, multorum uitam perdas, neque enim [a5] satis iusta est occasio ad delinquendum, cum multis errare. Quod et Galenus annotauit, secundo de arte curatiua ad Glauconem. Quam uero bruta et curatu difficilis res sit communis consuetudo eorum qui, cum rudes sint, aliquid ex ratiocinando accipiunt, ipse Galenus nos admonet, libro Therapeuticae tridecimo, his uerbis:

“Reliqui uero methodici, cum innumeros quotidie iugulent, adeo rationem curandi mutare adhuc nolunt ut, quae a medicis sunt scripta qui artis operibus uere insudarunt, ne uel semel experiri uelint: adeo indelebile uitium uehemens ignorantia est, praesertim si cum superbia sit coniuncta. Nobis autem uitandi eiusmodi errores sunt. At si nihil aliud suppetat, saltem ipsi experientiae credendum, id quod ego ipse perpetuo suadere non desino iis qui circa rationem parum sunt exercitati, nam melius profecto iis est, quando et rudes sunt et simul in rationabili methodo quam nunc nos prodimus minime exercitati, ut nihil penitus ex ratiocinando accipiant.” Hactenus Galenus.

Sed de te nihil eiusmodi suspicari licet, qui in rationali methodo es adeo exercitatus ut nobis suadere audeas ne experientiae credamus. Vnum de me tibi persuasum esse uelim quod, si conclusiones tuae postulatae et auctoritates ulla ex parte me mouissent, auidius secutus fuisset quam me admonueris.

Vale.

[aiij] DEFESA DO MÉDICO PEDRO BRISSOT CONTRA CERTA PESSOA ACERCA DA SANGRIA

Não imaginas coisa mais inconsiderada, ilustre doutor, do que, em medicina, a qual se descobriu para velar pela saúde dos homens, desviar do caminho comum, que se apoia sobretudo na razão e experimentação. Logo, não imaginas coisa mais desavisada em medicina do que Avicena e os outros árabes, que se apartaram do caminho comum para os antigos, que se apoia sobretudo, conforme eles mesmos confessam, na razão e na experiência quotidiana de Hipócrates e Galeno. Eu, pelo contrário, não imagino coisa mais inconsiderada nem menos digna do varão sábio e bom, do que seguir a opinião da multidão ignorante, nociva à saúde dos homens e que se estriba, não em qualquer experiência, mas apenas numa vaga suspeita, contrariando a salutar opinião, as razões evidentes e a experiência dos médicos mais sábios, mais experientes e mais antigos: sobretudo aquela que, depois de confirmada pelo uso, recebemos das mãos dos mestres, e praticamos amiúde e com bons resultados, livrando rapidamente os doentes de uma moléstia mais grave do que a de que padeciam outros que foram tratados por outro processo e na maioria morreram, e um pequeno número, com as forças exauridas, depois de tantas vezes [v^o] sangrados, a custo acabou por salvar-se no trigésimo dia, ou depois; [enquanto] os primeiros, curaram-se quase todos, no sétimo dia, ou antes, algumas vezes imediatamente a seguir à sangria, e isto não raramente, mas mais frequentemente no terceiro ou quinto dia.

É que, sendo certo que nas outras artes que têm só a ver com a contemplação, é cousa infame violar a verdade quer por desejo da vã glória, quer por medo da opinião pública, a tal ponto que os varões mais eminentes por vezes não apenas criticaram os preceitos dos mestres, mas eles mesmos se retractaram, mostrando mais deferência pela verdade do que por si mesmos ou pela amizade, certamente que isso será vergonhoso na medicina, na qual a ocasião de agir é rápida¹¹³ e muito breve, devido à nobreza e fluidez da matéria que trata, a tal ponto que se considera que procede correctamente aquela pessoa que, ensinada pelos naufrágios dos outros, se desvia o mais possível de Cila e Caríbdis. De facto, não é o mesmo tratar-se de modo inadequado madeiras e couros, em que o pre-

¹¹³ Cf. HIPÓCRATES, 1^o Aforismo.

juízo é leve, do que com uma má experiência pôr-se termo no homem a toda a parte animal.

Por conseguinte, respeitável doutor, queria pedir-te (se ainda existe algum lugar para o bom senso, algo que não sei se deva esperar) que não incorras na suspeita ou de ignorar o melhor, ou de espontaneamente seguir o pior, e que imites a sentença de Virgílio: *Não te dobres ao mal, mas contra ele mais denodado avança*.¹¹⁴ *Isto é o que corresponde à virtude*.¹¹⁵ E não te deixes impressionar pelas práticas grosseiras, alheias à razão e introduzidas pelo erro generalizado, para evitar que, ao empenhares-te em agradar à multidão, ocasiones a perda de muitas vidas, porquanto [a5] não é motivo bastante para praticar algo impróprio, o facto de se errar em companhia de muitos. Algo que também Galeno mencionou no livro 2º da *Arte da cura*, dedicada a Glaucão. E o quanto são irracionais e difíceis de curarem-se os hábitos correntes daquelas pessoas que, sendo ignorantes, chegam pelo seu próprio arrazoar a algumas conclusões, é algo de que o próprio Galeno nos adverte, no livro 13º do *Método Terapêutico*, com as seguintes palavras:

E os restantes 'metódicos', mesmo matando todos os dias um sem número de doentes, de tal maneira ainda não querem mudar o seu método de curar que nem sequer desejam experimentar uma única vez o que deixaram escrito os médicos que deveras se aplicaram esforçada e suadamente aos trabalhos da sua arte: a tal ponto é a apaixonada ignorância um defeito incurável, sobretudo quando vai de par com a soberba. Ora, a nós cumpre-nos evitar desvarios desse tipo. Mas se não podemos dispor de mais nada, pelo menos cumpre dar-se crédito à própria experiência, algo que eu mesmo incessantemente não deixo de aconselhar àqueles que não estão muito afeitos ao método, porquanto, quando são não só ignorantes, mas simultaneamente pouco exercitados no método racional que agora nós apresentamos, é muitíssimo melhor para eles não tirarem quaisquer conclusões arrazoando pela sua cabeça.

Mas a teu respeito não cabe suspeitar-se nada de parecido com isto, que a tal ponto estás afeito ao método racional que te atreves a aconselhar-nos a que não demos crédito à experiência. A meu respeito queria persuadir-te apenas de uma coisa, e é que, se as conclusões que tu assen-

¹¹⁴ *Encida* 6. 95.

¹¹⁵ *Ibi*. 10. 469.

tas e as autoridades que citas me tivessem de alguma forma convencido, teria acolhido com toda a avidez o que me aconselhaste.

Fica bem.

2. O LIVRO DO DOUTOR DIONÍSIO

DIALOGVS CIRCA QVASDAM QVAESTIONES IN MEDICINA, EDITVS A DIONYSIO, IN MEDICINA DOCTORE ET INVICTISSIMI ATQVE MAXIMI IOANNIS, HVIVS NOMINIS TERTII, LVSI-TANIAE REGIS ET ALGARBIORVM ETC, MEDICO, ORDINIS SANCTI IACOBI MILITE.

DIÁLOGO ACERCA DE CERTAS QUESTÕES RELATIVAS À MEDICINA, PUBLICADO POR DIONÍSIO, DOUTOR EM MEDICINA, MÉDICO DO INVICTÍSSIMO E INSUPERÁVEL D. JOÃO III, REI DE PORTUGAL E DOS ALGARVES ETC., E CAVALEIRO DA ORDEM DE SANTIAGO [Lisboa, Germão Galharde, 1530-1535, 24 f.].

2.1. Dedicatória de Dionísio a D. João III.

[**ai^o**] Inuictissimo atque maximo Ioanni, huius nominis tertii, Lusitaniae regis, Algarbiorum etc, Dionysius, doctor eius medicus salutem plurimam dicat

Cogitanti mihi memoriaque saepe repetenti, inuictissime princeps, quanti maiores litterarum studia facere solebant quantaque gloria ad doctrinas capessendas hominum animos erigebant, Aegyptii imprimis occurrere, qui, cum bonarum artium essent inuectores, ceteris in eis praestantes summe colebant adorabantque et ex his sacerdotes gubernatoresque eligebant. Caesar etiam qui, in media totius orbis administratione occupatus, libros de grammatica scribebat. Ideo in illis temporibus scientiae atque artes liberales mirum in modum florebant. Teste enim Cicerone, “honos

alit artes” omnesque incendimur ad studia gloria eaque semper iacent quae apud quosque semper improbantur.

Et cum celsitudinem tuam antiquorum uestigia sequi uelle et litteris te oblectari easque fouere intellexissem, nonnihil tuae maiestati offerendum duxi, cui enim litterarum munus nisi tam alto benignoque principi dedicandum fuit? Suscipe ergo lucubrationes tui medici, quas in media aegrorum frequentia cussi, eisque faue, sic enim Lusitanos tuos summo ingenio praeditos litterarum cultores musarumque colonos efficies, et mihi animum ad altiora praebebis, ingenium enim uultu (ut aiunt) statque caditque tuo.

Vale, regum decus

[aiv^o] Ao invictíssimo e insuperável D. João III, rei de Portugal e dos Algarves etc, deseja muita saúde o doutor Dionísio, seu médico

Ao pensar e reflectir amiúde, ó invictíssimo príncipe, quanto os estudos das letras costumavam tornar o espírito dos homens maior e com quão grande glória os incitavam para se apossarem do saber, acudiram-me em primeiro lugar à ideia os Egípcios, os quais, sendo os descobridores das belas artes, tinham a máxima consideração pelas pessoas que nelas se avantajavam aos demais, reverenciavam-nas e era entre elas que escolhiam os sacerdotes e governantes. De modo igual pensava César, que escrevia livros sobre gramática no meio dos afazeres do governo do mundo inteiro. Por isso, naquelas épocas as ciências e as artes liberais prosperavam de forma extraordinária. É que, consoante testifica Cícero: *A honra alimenta as artes*¹¹⁶ e todos somos incitados ao estudo pelo desejo de glória e nunca avança o que todos criticam.

E porque me dei conta de que Vossa Alteza quer seguir as pisadas dos antigos e de que vos recreais com as letras e as favoreceis, pensei que deveria oferecer algo a Vossa Majestade: pois um presente de letras a quem cumpre oferecer-se, senão a um tão ilustre e benévolo príncipe? Por conseguinte, recebi as lucubrações do vosso médico, que fui urdindo nos

¹¹⁶ *Tusculanas*, 1. 2. 4.

intervalos da afluência dos pacientes, e acolhei-as de bom talante, pois deste modo aos vossos vassalos portugueses dotados das mais elevadas capacidades intelectuais, torná-los-eis afectos às letras e cultores das musas e a mim animar-me-eis a cometimentos mais elevados, uma vez que, consoante sói dizer-se, a inteligência abate-se ou eleva-se conforme a catadura que mostrais.

Ficai de saúde, vós que sois a glória dos reis

2.2. Diálogo entre Tomás e Tesalo, um médico teórico e outro empírico

ARGUMENTVM

Duo medici serocinantur adinuicem, quorum unus est rationalis, Thomas nomine, alter uero sectam empiricorum sequens, dictus Thesalus. Thomas uero Thesalo persuadet ut Medicinae studio det operam. Quapropter Thesalus, Thomae rationibus commotus, quasdam quaestiones in Medicina interrogat, quibus Thomas satisfacit, et primo Thesalum talibus aggreditur:

[aij] *Thomas*: Dic mihi, Thesale, quos in arte medendi habuisti magistros?

Thesalus: Quippe ut uerum fatear, nullos, sed quaedam per me habui, nescio an bene scita an false opinata.

Thomas: Non sic mihi profecto uideris. Sed dic, quaeso, unde ergo tantum famae et auctoritatis, fauorisque habuisti, quibus apud multos commendaris.

Thesalus: Rem tibi ab origine pandam. A puero astutiae, uersutiae, diligentiae, mille cautelis milleque negotiandi modis decipiendique fui deditus, quibus tam clarus fui ut neminem in his studiis nostra tempestate iure mihi praeferas. Et cum in his me satis florere sensissem, ad artem medendi me contuli, in qua ingenium et scientia parum conferunt, astutiae uero et cautela, propter multas rationes, amplum locum obtinent.

Primo, quod plus cum uulgo rudi ignobilique pertractatur, cum quo, separandi sapientem ab insipienti ignaro, nomen celebre perfacile acquiri-

tur, medici enim nomini actio opinionibus, non scientia, continetur. Nam apud eos ut plurimum operamur qui nesciunt et ea operamur quae nescimus ipsi, itaque medici alias aliud de eisdem rebus et sentiunt et iudicant. Et nos contraria saepe dicimus, non modo circa diuersa, sed in una et eadem re alius aliud defendit sentitque quod ueritati repugnat, cum plus uno uerum esse non posse.

Secundo, quia plures aegri euadunt quam morti occubant, natura enim non solum aegritudinem depellit, sed errores mali medici corrigit. Et cum “exitus acta probet”, uulgi sanos multos in manibus ignari uidet, cum Hippocrati in curandi methodo aliisque antiquis praestare putat.

Tertio etiam nam peritus imperitusque uno quasi modo, in aegrorum cura procedunt: scilicet, cum syrupis, pharmacis, sanguinis detractio, uictus subtilitate, oleis, unguentis et aliis huiusmodi, in quibus uero praedicti differant. Scilicet, qualiter et quando et quibus medicum uti primo, quoue secundo quantoque distanti a temperamento oporteat a uulgo ignoratur.

Par est ergo studium et labor improbus in hac professione parum emolumenti afferant. Hac ergo arte famam et lucrum copiamque amicorum sum consecutus.

Thomas: Quem modum tenes erga medicos rationales?

Thesalus: Primo, appello eos infortunatos, inexpertos [v^o] sophistas, rationem particularem non habentes. Sunt mihi amici, socii summa mecum familiaritate coniuncti, clientes, quos per totam curiam dispersos habeo, nisi quid mihi prosperum succedit ubique loci praedicant publicantque; si quid aduersum aliis accidit, tubis sonoris in aula regia et plateis et in conuiuibus et in confabulationibus, in omnibus denique congregationibus diuulgatur. Hi etiam, si quis suum diem clauserit extremum: “Hoc Thesalus nobis praedixit sic futurum” asserunt. Cui libet aegrotanti dicunt: “Hoc morbo quondam laborauimus et Thesalus nos optimis remediis celeribusque curauit: eum arcessite!” Hac uia honorem, dignitatem et omnia quae habeo sum adeptus.

Thomas: Vere clamare compellor: “Libera me, Domine, a labiis iniquis et a lingua dolosa.” Sed tamen permultos uidi plures quam te habuisse artes non tamen sic illustrem famam sicut tu habuerunt. Ex quo potius Fatis sideribusque quam tuae astutiae tribuendum censeo. Nam, si tibi sidera cessant, nil ualet incognita sagacitas, prudens diligentia, ingenia

acumen, memoriae tenacitas, amicorum abundantia, fauor popularis. “Plus” enim “ualet hora Fati benigni quam si te Veneris comendet epistula.” Plurimum enim refert quod sidera te excipiant cum primos ceperis edere uagitus et adhuc a matre rubentem.

Nam, si fortuna uelit, fies de consule rhetor et, si eadem uult, fies de rhetore consul. Quid enim Tullius quadam secreti miranda potentia Fati? Et non ab re profecto, cum haec inferiora a superioribus regantur. Et sic fuit necessarium ut mundus iste contiguaretur lationibus superioribus, ut omnis uirtus eius inde gubernetur, nam uultus huius saeculi ultibus superioribus subiacent. Et sic horum inferiorum mutationes indagare uolentem, primo caelestia contemplari oportet. Et quod magis mireris, non solum corpora, sed intellectum et ingenium quodammodo ab eis alterari, nam talem esse intellectum in terrenis qualem pater deorum atque uiuorum inducit in diem, affirmat Aristoteles. Nam, licet corporalia sint, in incorporeum ius habent, ratione phantasticarum potentiarum, quae corporeae, organo enim corpóreo tamque subiecto et obiecto indigent.

Et sic totum tuum negotium potius Fato quam tibi ipsi attribuendum esse arbitror.

Thesalus: Dicta tua sat mihi [*deest*]

ARGUMENTO

Dois médicos conversam um com o outro. Um deles chama-se Tomás e é médico teórico, sendo Tesalo o nome do outro, que segue a seita dos empíricos. E Tomás tenta convencer Tesalo a que se aplique ao estudo da medicina. Razão pela qual Tesalo, movido pelos argumentos de Tomás, põe certas questões relativas à medicina, às quais Tomás responde, e é com as seguintes palavras que começa por interpelar Tesalo:

[*aij*]

Tomás – Dize-me, Tesalo, quais foram os teus mestres na arte de curar?

Tesalo – Para te confessar a verdade, não tive nenhuns, mas por mim mesmo alcancei algumas coisas, não sei se bem aprendidas ou se erroneamente conjecturadas.

Tomás – Deveras tal não me parece. Mas peço-te que me digas donde te proveio então tamanha fama, autoridade e consideração, pelas quais muita gente te respeita.

Tesalo – Vou contar-te a história desde o começo. Desde criança me fui azevando à astúcia, à manha, à diligência, a mil precauções e a mil modos de mercadejar e de embair, mediante os quais ganhei tão grande nomeada que no nosso tempo nestas actividades com justiça não há ninguém que me leve a dianteira. E ao ver-me prosperar nelas tanto, consagrei-me à arte de curar, na qual a inteligência e a ciência pouco contam, mas são de grande importância as manhas e cautelas, devido a muitos motivos.

Em primeiro lugar, porque se tem mais trato com a população ignorante e refece, junto da qual, incapaz de distinguir o sábio do ignorante, muito facilmente se adquire nomeada, pois todos os atos do médico se fundam em opiniões, e não em ciência. É que, quase sempre actuamos junto daqueles que não sabem e fazemos aquilo que nós mesmos não sabemos, e assim os médicos pensam e julgam diversamente acerca das mesmas coisas. E afirmamos amiúde coisas contrárias, e não apenas relativamente a coisas diferentes, mas acerca de uma única e mesma matéria, cada um defende uma opinião diferente e pensa algo que está em contradição com a verdade, uma vez que não pode existir mais que uma verdade.

Em segundo lugar, porque são mais os doentes que escapam do que os que sucumbem à morte, pois a natureza não só afasta a doença, como também corrige os erros dos ruins médicos. E, sendo certo que *o resultado é a prova dos atos*,¹¹⁷ a população vê muitas pessoas curadas em mãos de quem não sabe, e cuida que, em companhia de Hipócrates e outros antigos, se avanta no método de curar.

Em terceiro lugar, porque o que sabe e o ignorante na cura dos doentes actuam quase de maneira idêntica: a saber, com xaropes, fármacos, sangrias, dieta, óleos, unguentos e outros recursos deste género, nos quais é certo que os referidos médicos divergem, a saber: a população ignora de que modo, quando e quais aqueles que convém que o médico use primeiro, ou qual em segundo e quais as devidas proporções.

Por consequência, nesta profissão o estudo e o aturado trabalho são

¹¹⁷ OVIDIO, *Heroides* 2. 85.

de pouco proveito. Portanto, com esta artimanha obtive fama, proventos e grande número de amigos.

Tomás – Qual é a tua posição em relação aos médicos teóricos?

Tesalo – Antes de mais, chamo-lhes mofinos, sofistas sem experiência, [v^o] que não atendem aos seus interesses particulares. Tenho amigos, companheiros a quem me une a maior intimidade e apaniguados, que se encontram espalhados por toda a corte, os quais por toda a parte só propalam e apregoam os meus êxitos; se algo corre mal aos outros, com sonoras trombetas divulga-se no paço, nas praças, nos banquetes, nas conversas e, enfim, em toda a espécie de ajuntamentos. Estes, de igual modo, se alguém falecer, asseguram: “Tesalo predisse-nos que isto iria acontecer.” A uma pessoa que esteja doente, dizem-lhe: “Já tivemos uma vez essa doença e Tesalo curou-nos com remédios excelentes e de efeito rápido: chamai-o!” Desta maneira obtive a honra, prestígio e tudo que tenho.

Tomás – Vejo-me deveras obrigado a bradar: *Senhor, livra-me de lábios iníquos e de língua enganadora.*¹¹⁸ Mas de qualquer modo vi inúmeros que tinham mais artimanhas do que tu e todavia não obtiveram uma nomeada tão grande como tu. Pelo que considero que isto mais deve atribuir-se ao destino e à influência dos astros do que à tua astúcia. É que, se a boa estrela deixa de favorecer-te, de nada servem a esperteza ignorada, o sensato desvelo, a penetração intelectual, a memória inesgotável, o grande número de amigos e o aplauso popular. A verdade é que “Mais vale uma hora de um Fado propício do que uma carta de Vénus a recomendar-te a Marte.” Pois é da máxima importância que os astros te bafejem ao soltarem os primeiros gidos e ainda corado do esforço do parto.

Com efeito, se o destino assim o quiser, de um cônsul tornar-te-ás um orador, e, se o mesmo quer, tornar-te-ás de um orador em um cônsul. Pois por que motivo foi Túlio quem foi, senão por causa de um espantoso poder do Fado? E decerto não sem motivo, uma vez que estas coisas cá de baixo são dirigidas pelas de cima. E assim foi necessário que esse mundo estivesse contíguo aos movimentos superiores, para que toda a sua virtude fosse dirigida a partir dali, porquanto as aparências deste mundo dependem das aparências superiores. E por isso é mister que contemple

¹¹⁸ SI 120. 2.

primeiro as coisas celestes a pessoa que pretende investigar as transformações destas coisas inferiores. E o que ainda causa mais espanto é que não apenas os corpos, mas também a inteligência e as capacidades intelectuais de uma certa maneira são por elas alteradas, pois Aristóteles afirma que as capacidades intelectuais nos terrenos são tais como o Pai dos deuses e dos homens faz que sejam. É que, embora sejam coisas corpóreas, têm jurisdição sobre o incorpóreo, em razão das potências da fantasia, que são corpóreas, uma vez que necessitam de um órgão corpóreo como sujeito e objecto. E por isso penso que toda a tua posição e situação se devem atribuir mais ao Fado do que a ti mesmo.

Telaso – As tuas palavras assaz me [*deest*]

2.3 Carta de Afonso Rodrigues a Manuel Álvares, licenciado em Medicina

[24v^o] *Alfonsus Rodricus Emanuelli Alvaro*, in *Medicina licenciato*, salutem plurimam dicat

Cum te litterarum studia iam ab ineunte aetate coluisse intellexissem et subtili Minerua omnes scientiae nouitates indagare, hanc Apologiam, a doctore Dionysio nuper editam, tibi mittere non dubitavi, quae non minus iucunda quam operi necessariam esse arbitror, cuius argumentum est certamen quoddam circa sanguinis detractionem in pleuresi, scilicet, an in initio ex latere affecto uel opposito detrahendus sit, inter Petrum Brissotum et Dionysium fuit. Brissotus ex latere affecto in principio flobotomiam fieri oportere asserebat, Dionysius uero oppositam uenam, ueterum uiam custodiendo, secari affirmabat, illiusque quodam tractatu ne huic suspicioni implicaretur, sed antiquorum uestigia sequi uellet monebat. Ipse, nolens acquiescere eius monitis, nonnulla dicta taxare temptauit: quod cum ad manus Dionysii peruenisset, hanc Apologiam edidit, in qua intentum suum late probat rationesque eius soluit et multa dicta eius eleganter reprehendit. Quod cum perlegeris subtiliterque perscrutatus fueris, non mediocrem utilitatem uoluptatemque te adepturum non dubites

Vale

[24v^o] Afonso Rodrigues envia muito saudar a Manuel Álvares, licenciado em Medicina

Estando eu ciente de que tu, já desde a mais tenra idade te dedicaste ao estudo das letras e de que com inteligência penetrante esquadrinhas todas as novidades da ciência, não hesitei em enviar-te esta *Apologia* que o Doutor Dionísio acaba de dar a lume, que julgo que é não menos deleitável do que necessária para a obra, e que tem como argumento uma certa discussão acerca da extracção de sangue no flanco: a saber, se no princípio se deve tirar do lado afectado ou se do lado contrário, e que se travou entre Pedro Brissot e Dionísio. Brissot defendia que se deveria fazer no começo a flebotomia no lado afectado, e Dionísio afirmava, defendendo o método dos antigos, que se cortasse a veia do lado contrário e, em certo escrito, exortava Brissot a não aderir a esta ideia, mas optasse por seguir as pisadas dos antigos. Este, não querendo acatar os conselhos de Dionísio, censurou algumas das suas afirmações: como o escrito em que o fez chegou às mãos de Dionísio, este deu a lume a presente *Apologia*, na qual de sobejo demonstra o que se propõe, refuta os argumentos do outro e com elegância critica muitas das suas afirmações. Se leres com atenção e aprofundares este escrito, não tenhas dúvidas de que ganharás não pequeno proveito e sentirás grande prazer.

Fica bem

